



PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO:
A SALA AMBIENTE

PAULO SAUL DUEK

SÃO PAULO

2024

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

PAULO SAUL DUEK

**PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO:
A SALA AMBIENTE**

SÃO PAULO

2024

PAULO SAUL DUEK

**PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO:
A SALA AMBIENTE**

Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

SÃO PAULO

2024

Duek, Paulo Saul.

Práticas artísticas na educação: a sala ambiente. / Paulo Saul Duek.
2024.

109 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São
Paulo, 2024.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Arte. 2. Educação. 3. Prática docente. 4. Sala ambiente. 5.
Escola pública.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título.

CDU 37

Dedico este trabalho à dona Iris Duek que como Tony Bennett
(este estimulado por sua professora de Arte) e
também acometido pelo Mal de Alzheimer,
enquanto presentes... estiveram.

**PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO:
A SALA AMBIENTE**

Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

São Paulo, 20 de fevereiro de 2024.

Presidente Orientadora Ana Maria Haddad Baptista (Uninove)

Examinadora Titular I: Sonia Regina Albano de Lima (UNESP)

Examinadora Titular II: Elisabete Alfeld (PUC/SP)

Examinador Titular III: Maurício Pedro da Silva (Uninove)

Examinadora Titular IV: Rosiley Aparecida Teixeira (Uninove)

Examinadora Suplente I: Maria Aparecida Junqueira (PUC/SP)

Examinadora Suplente II: Márcia do Carmo Felismino Fusaro (PUC/SP)

SÃO PAULO

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Iris Duek, pela oportunidade de me fazer estar. Aos meus orixás e entidades por estarem sempre, mesmo quando não convocados. À Arte, por ainda me suspender, me encantar e não me deixar desistir. À professora Ana Haddad por apontar os labirintos e sinalizar possíveis fugas, além de compartilhar todo o seu imenso conhecimento que me foi tão salutar, e à professora Márcia Fusaro, pelas preciosas indicações de leitura e por ter feito parte de minha trajetória acadêmica. Em especial à minha prima Debora Fares Carillo Andrade, pelo incentivo constante e por me permitir necessárias fugas.

A Deleuze pelo aprendizado diário, pelo encantamento e por sua riqueza de possibilidades. Aos professores da EM João Gonçalves, especialmente à professora Selma Gonçalves, por compartilhar comigo suas significativas experiências de vida, práticas docentes e livros de arte. Também à professora Christiane Nunes Rocha pelo apoio pedagógico e à professora Valesca Soares Barbosa pelo convite para construirmos juntos e “ambientar” seu espaço. Cabe aqui o respeito aos professores Agnaldo Farias, Claudinei Cássio de Rezende, Sérgio Alpendre, Ronaldo Matias e Luiza de Andrade, pela preciosa contribuição e finalmente à UNINOVE pela imensa oportunidade de defender a Arte como componente curricular de inigualável importância.

Figura 1 – Alunos em visita à exposição “Portinari para Todos” no MIS Experience.



Fonte: acervo do autor

É por isso que quem só é pintor é também mais que pintor, porque ele “faz vir diante de nós, na frente da tela fixa”, não a semelhança, mas a pura sensação da “flor torturada da paisagem cortada, sulcada e comprida”, devolvendo “a água da pintura à natureza. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 217)

RESUMO: O presente estudo é pautado em dados coletados na pesquisa de dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, intitulada: “Quem quer fazer arte? Pelos playgrounds das salas de aula”. Foram apontadas três importantes situações que, em alguma medida, contribuem negativamente para as práticas artísticas no ambiente escolar. A ausência de um espaço onde o componente curricular “Arte” possa ser definitivamente ministrado foi indubitavelmente o mais expressivo dentre aquelas situações. Para justificarmos a existência deste espaço, é preciso nos atentarmos à importância da arte, tanto para o cidadão comum, como para o discente, que fará então uso dela em âmbito escolar, para que possa reverberar para além dela. Apresentadas incansáveis justificativas, partindo de importantes nomes e experiências concretas, nos permitimos também experienciar espaços já existentes, com alguma frustração. Até finalizarmos em um palco solitário, em uma tela branca ou no início de uma nova partitura, onde um espaço inicia sua função principal: praticar arte de forma potente e livre. Assim, ao nos atentarmos especificamente aos espaços e à ausência deles, esta pesquisa nos permitiu, além de buscar respostas, acompanhar a elaboração e a construção de uma Sala Ambiente de Arte, além de observar novas e possíveis práticas artísticas docentes. O universo estudado foi uma escola pública municipal de ensino fundamental II. Para fundamentar teoricamente esta tese, recorreremos aos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friedrich Nietzsche, ao pesquisador René Barbier e ao historiador Ernst Gombrich, além de outras importantes vozes que contribuíram para esta construção, que, na educação, privilegia a arte como potência primeira, a exemplo de Anísio Teixeira e John Dewey.

Palavras-chave: arte, educação, prática docente, sala ambiente, escola pública.

ABSTRACT: This study is based on data collected in the master's thesis research presented to the *stricto sensu* graduate program in Management and Educational Practices of Nove de Julho University – UNINOVE, titled: "Who Wants to Make Art? Through the Playgrounds of Classrooms." Three important situations were pointed out that to some extent contribute negatively to artistic practices in the school environment. The absence of spaces where the curricular component "Art" could be systematically taught was undoubtedly the most significant among those situations. To justify the existence of such spaces, it is necessary to pay attention to the importance of Art, both for the ordinary citizen, as for the student who will then, as a teacher, make use of it in the school environment, so that it can reverberate beyond its boundaries. Presenting relentless justifications, starting from important names and concrete experiences, we have also taken the opportunity to experience already existing spaces, not without some frustration. We end up on a lonely stage, on a white canvas, or at the beginning of a new music score, where a space begins to operate its main function: the practice of art in a potent and free way. Thus, by paying specific attention to the spaces or their absence, this research, in addition to seeking answers, allowed us to follow the elaboration and construction of an Art Environment Room, and to observe new and potential teaching artistic procedures. The universe studied is a municipal public elementary school II. To theoretically substantiate this thesis, we shall resort to philosophers such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, and Friedrich Nietzsche, researcher René Barbier and historian Ernst Gombrich, as well as other important voices who contributed to this construction, which privileges art as the primary potency in education, as do Anísio Teixeira and John Dewey.

Key words: art, education, teaching practice, room environment, public school.

RESUMEN: El presente estudio se basó en datos recogidos en la investigación de tesis de maestría presentada al programa de posgrado *stricto sensu* en Gestión y Prácticas Educativas de la Universidad Nove de Julho – UNINOVE, titulada "¿Quién quiere hacer arte? A través de los patios de recreo de las aulas". Se señalaron tres situaciones importantes que, en cierta medida, contribuyen negativamente a las prácticas artísticas en el ámbito escolar. La ausencia de un espacio donde el componente curricular "Arte" pueda ser enseñado definitivamente fue sin duda la más expresiva entre esas situaciones. Para justificar la existencia de este espacio, era necesario prestar atención a la importancia del arte, tanto para el ciudadano común, como para el estudiante que luego hará uso de él en el entorno escolar, para que luego pueda reverberar más allá de él. Presentando justificaciones incansables a partir de nombres importantes y experiencias concretas, también nos permitimos experimentar espacios ya existentes, no sin alguna frustración. Hasta que terminamos en un escenario solitario, en un lienzo blanco o al comienzo de una nueva partitura musical, donde un espacio comienza su función principal: practicar el arte de una manera poderosa y libre. Así, al prestar especial atención a los espacios y su ausencia, esta investigación nos permitió, además de buscar respuestas, seguir la elaboración y construcción de una Sala Ambiente Artístico, además de observar nuevas y posibles prácticas artísticas docentes. El universo analizado fue una escuela primaria pública municipal II. Para fundamentar esta tesis, recurrimos a filósofos como Gilles Deleuze, Félix Guattari y Friedrich Nietzsche, además del investigador René Barbier y el historiador Ernst Gombrich, entre otras voces importantes que contribuyeron a esta construcción, que, como Anísio Teixeira y John Dewey, privilegia al arte como poder primero en educación.

Palabras clave: arte, educación, práctica docente, ambiente de aula, escuela pública.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARTE?	18
1.1 Arte e Literatura	21
1.2 Outras manifestações possíveis.....	35
CAPÍTULO II – QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA ESCOLA?.....	42
2.1 Discussões acerca da arte na escola	42
2.2 A BNCC e o componente curricular Arte	46
2.3 Reflexões acerca da arte na escola	52
CAPÍTULO III – A SALA AMBIENTE	57
3.1 A escassez das Salas Ambiente de Arte	57
3.2 Chão da escola: espaços propícios contemporâneos.....	63
3.3 Resultados positivos	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS.....	108

APRESENTAÇÃO

O sonho da docência toda a criança tem. Eu tinha lousa e alunos, inclusive. Difícil recordar o componente curricular que eu ministrava, mas a arte está em mim desde muito cedo. Nos filmes clássicos que nunca perdia nas madrugadas solitárias, na música, nas peças teatrais amadoras e em eventos culturais que organizava na escola pública onde estudei por oito anos. A arte nunca foi presente em minha casa. Talvez pelos trabalhos realizados pela minha mãe e minha tia como bordadeiras. Meu pai, na época vendedor de enciclopédias, tinha uma coleção em casa. Recordo de ter destruído todas elas e criado uma pasta imensa e particular, selecionando apenas o que era de meu interesse: tudo relacionado à arte. Pintura, música, escultura, cinema, teatro, dança, movimentos artísticos, moda...

Aos dezesseis anos fui procurar a arte dramática, no Teatro Escola Macunaíma, sem nunca ter ido ao teatro. De carteira de trabalho assinada, trabalhei por quase uma década, nas madrugadas, em um escritório de informática, enquanto atuava em peças para ganhar quase nada. Fiz muitos bicos. Tive catapora aos dezoito anos, ensaiando Nelson Rodrigues: *"o mineiro só é solidário no câncer"*. Minha estreia no teatro amador se deu na malandragem de Chico Buarque. Profissionalmente, foi com um texto do Augusto Boal, com ele na plateia. Segui em processo criativo com o Teatro da Vertigem. De repente, tornei-me secretário/assessor de imprensa de gente famosa. Dirigi um curta-metragem na internet para o Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Fiz alguns testes e figuração em publicidades. Participei das Satyrianas como ator e diretor. Fiz um *book*. Fui o Pateta em festa infantil. Também fui o Papai Noel em confraternização de empresas no centrão de São Paulo. Trabalhei em produtora de eventos e agência de modelos. Fiz teatro-escola.

Escrevi *"Mas você disse que era pra mim?"* e *"Eu escolheria receber bocejos a receber vaias"*, peças que tratam da solidão e vasculham coxias, camarins, sets de filmagens e quartos escuros, e que nunca foram montadas. Dirigi uma peça do Caio Fernando Abreu e fui DJ. Fui Herodes. Viajei com gente do fatídico BBB. Atuei num filme B gaúcho. Fui dirigido por um diretor alemão. Fiz Brecht, Shakespeare e

Shepard na escola de teatro e fui sócio de uma festa burlesca na Vila Mariana.

Tardiamente, em 2003, ingressei na Faculdade Oswaldo Cruz. Fui cursar licenciatura em Letras, apenas pelas literaturas e pela língua inglesa. Foi em 2009, quando prestei concurso na cidade de Praia Grande, assumindo o cargo de professor de Língua Inglesa. Em 2010, segui com a especialização em Língua Inglesa na UNIP. Minha monografia abordou a vilania. Nesse período me tornei sócio de baladas em São Paulo, assessorei teatros e atores de teatro. Morei um mês em Malta, onde fiz intercâmbio. Não gostei. Preferi minhas fugas à Itália: Veneza e Roma, onde pude ter contato direto com grandes obras em galerias e museus, e Sicília, especialmente.

Aprovado em 2013, assumi, no ano seguinte, a função de coordenador pedagógico, cargo que entregarei neste ano (de 2024), o que me possibilitou experiências importantíssimas em duas grandes unidades escolares da cidade. Via de regra, desde o meu ingresso na educação, tenho percebido o descontentamento de grande parte dos professores e pouca ou nenhuma credibilidade por parte das gestões em relação ao componente curricular “Arte”.

No segundo semestre de 2018, com o intuito de aprofundar meus estudos das práticas docentes em Arte, ingressei no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove), compondo a linha de pesquisa e intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape), o que me permitiu um maior aprofundamento nesta temática com viés filosófico e teórico, resultando na primeira parte de uma importante pesquisa que, à luz de Deleuze e Artaud, observava a potência e a ausência da arte nas práticas docentes.

Assim, no primeiro semestre do ano de 2021, com o intuito de concluir aquela pesquisa que acenou possibilidades investigativas no âmbito do espaço escolar e seus desdobramentos por meio da tese, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado) na Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), compondo a linha de pesquisa em Educação Popular e Culturas – (LIPEPCULT).

INTRODUÇÃO

A temática da presente pesquisa está voltada para a análise do componente curricular “Arte” em espaço específico destinado às práticas artísticas docentes e discentes. Na primeira parte, abordará a importância da arte e seus desdobramentos. Em extensa abordagem, apresentamos diversas manifestações artísticas como a literatura, o cinema, o teatro, a pintura e a música, a partir das obras de renomados artistas com o intuito de justificar seu mérito. O crítico de arte, poeta e educador Peter Schjeldahl, o historiador Ernst Gombrich e os filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friedrich Nietzsche trazem a luz da teoria para esta tese.

Na segunda parte, uma outra pergunta, também similar, busca ser respondida e agora de forma mais específica: qual a importância da arte na escola? Para tanto, foram coletadas opiniões diversas de professores, acadêmicos e artistas que gentilmente expressaram suas ideias acerca da valia deste componente curricular. Na impossibilidade de refutá-la, contribuimos com aquelas opiniões ao apresentarmos o documento denominado Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Nós nos atentamos às “Competências Específicas” e às “Dimensões do Conhecimento” por ele sugeridos para a prática docente. Deleuze e Guattari ainda nos conduzem nesta parte, juntamente com o pesquisador René Barbier, além do filósofo e educador John Dewey e ainda o educador brasileiro Anísio Teixeira.

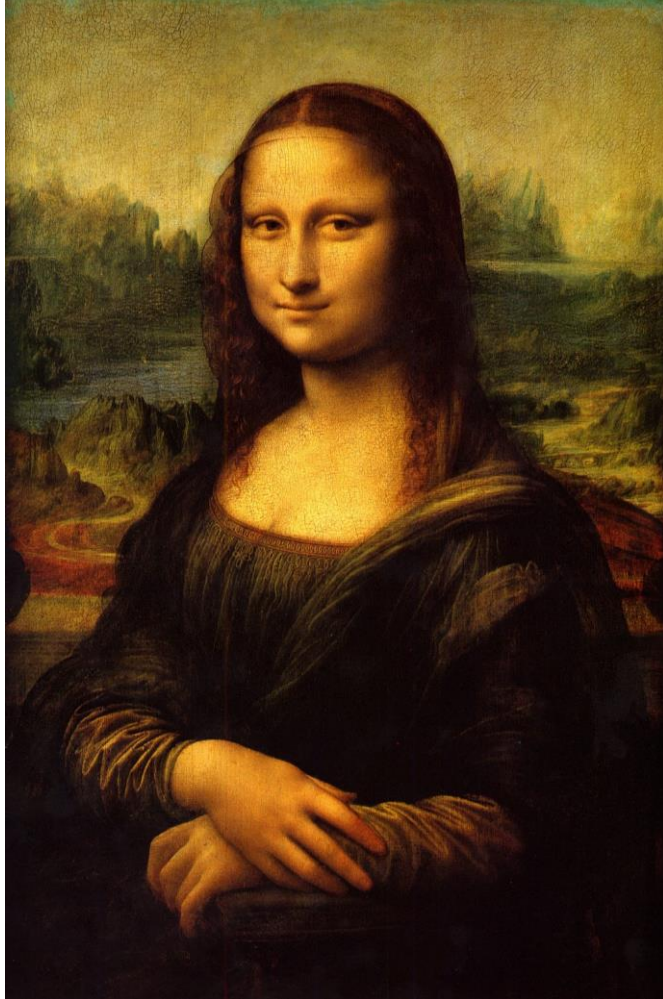
A terceira e última parte apresenta a possibilidade, dentro de inúmeras impossibilidades, de pesquisar e acompanhar *in loco* uma Sala Ambiente de Arte e suas práticas artístico-pedagógicas. Fundamentar o que este espaço era em outros tempos e o que pode vir a ser, já que no âmbito das escolas públicas ele praticamente inexistia, até a construção a partir de ruínas, trazendo à tona demonstrações de trabalhos significativos, fundamentados e em concordância com as exigências pré-estabelecidas pela BNCC.

Ao tornar-se “a cereja do bolo” de uma unidade escolar, este novo espaço comprovará sua real necessidade para que aquelas práticas possam de fato acontecer, inclusive em âmbitos externos, com mais propriedade e pertencimento. Os pensamentos de Barbier, Deleuze e Guattari nos elucidam ainda mais, nos encaminhando ao final desta pesquisa.

Nesta perspectiva, optamos por subdividir cada um dos capítulos. No primeiro capítulo, “Arte e literatura” apresenta as tantas vozes ouvidas para justificar o papel da arte; “Outras manifestações artísticas” refere-se aos consumidores da arte, para quem ela é feita. O segundo capítulo propõe “Discussões acerca da arte na escola”, abordando as opiniões de educadores e acadêmicos da arte; “A BNCC e o componente curricular Arte” explana o documento e sua ação na escola, e “Reflexões acerca da arte na escola” trata dos docentes em atuação nas unidades escolares. O terceiro e último capítulo revela “A escassez das Salas Ambiente de Arte”, apresentando um cenário raso de possibilidades artísticas, ao passo que “Do chão da escola – espaços propícios contemporâneos” e “Resultados Positivos” apresentam, em contrapartida, resultados satisfatórios e concretos já dentro de uma Sala Ambiente de Arte.

CAPÍTULO I – QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARTE?

Figura 2 – “Mona Lisa”, “Lisa del Giocondo” ou “La Gioconda”, (1503-1506), obra do pintor Leonardo da Vinci.



Fonte: Museu do Louvre

O que logo nos impressiona é o grau surpreendente com que Lisa parece viva. Ela parece realmente olhar para nós e possuir um espírito próprio. Como um ser vivo, parece mudar ante os nossos olhos e estar um pouco diferente toda vez que voltamos a olhá-la. Até mesmo em fotografias do quadro sentimos esse estranho efeito, mas diante do original, no Museu do Louvre, em Paris, a sensação é quase sobrenatural. Por vezes, ela parece zombar de nós; outras vezes, temos a impressão de surpreender uma sombra de tristeza em seu sorriso. tem um ar algo misterioso, e assim é; muito frequentemente, é esse o efeito de uma grande obra de arte. (GOMBRICH, 1985, p. 226)

O objetivo específico deste capítulo é o de, por meio de extenso e minucioso percurso pela arte, em suas inúmeras possibilidades, creditar e defender sua importância para uma humanidade destroçada. Ao arriscarmos objetivar o subjetivo e concretizar o abstrato, optamos por trabalhar com a hipótese da ausência da arte. Para tanto recorreremos ao filósofo e crítico cultural Friedrich Nietzsche, que trata, com maestria, de duas importantes ausências no campo da educação. Segundo ele, perdeu-se há tempos a cultura de dois significativos aprendizados: “ver” e “pensar”. Se o educador não estimular esse aprendizado, o discente não educará seu “espírito”. Nietzsche ainda nos alerta para a pior das problemáticas, a de que não se aprende mais a pensar, já que as escolas não sabem mais o que isso significa. “Se a arte é o grande estimulante da vida, como poderá chamá-la sem finalidade, sem objetivo?”, pergunta-se o filósofo alemão. (NIETZSCHE, 2020, p. 53).

A pesquisadora Sônia Albano de Lima joga luz com tamanha intensidade e maestria sobre a importante problemática relacionada às pesquisas em Artes, apontando a possibilidade do termo “inadequado” para um procedimento de raciocínio analítico, lógico e contínuo para estas pesquisas que exigem a tradução verbal das atividades artísticas. Segundo Albano, por serem as artes privilegiadas pela subjetividade e pela intuição, aquele tipo de raciocínio torna-se um aliado até então debilitado. (ALBANO, 2001, p. 58)

O percurso proposto para este capítulo tem por objetivo vivenciar a arte em suas variadas possibilidades. Partindo de uma perspectiva psicológica e psicanalítica, da menos explorada – e não por isso pouco investigada, a arte de túmulos e lápides, por tocar no lado sombrio e ferido do ser humano –, passando pela fotografia como manifestação potente, seguida da literatura que, aqui, curiosamente, dá voz às artes plásticas. Preferimos nos atentarmos ao território nacional, portanto à brasilidade, especialmente à contemporaneidade que permitiu observar a violência, a política, o poder, a religiosidade, a denúncia, o “cancelamento”, o descaso em relação aos artistas já consagrados e a tecnologia mostrando-se cada vez mais presente nas manifestações artísticas.

Também o cotidiano e a banalidade observados como divindades, o ataque às relações violentas que surgem das trocas em uma sociedade capitalista, questões ambientais, homoafetivas e de memória, retratadas por um empoderado corpo frágil, foram temáticas abordadas recentemente em importantes galerias de arte.

A 35ª Bienal de São Paulo, “Coreografias do Impossível” (2023), tem como função primeira fomentar a arte, bem como discutir sua importância com o intuito de romper fronteiras, na mesma medida que pretende aproximar diferentes culturas e suas manifestações artísticas, que se apresentam por meio da fotografia, do vídeo, das artes plásticas, das instalações e de espaços sensoriais. O Brasil-Arte do esquizofrênico-paranóico-artista Arthur Bispo do Rosário, da prostituta-artista Aurora Cursino dos Santos, do candomblecista-artista Rubem Valentim e dos yanomamis Aida, Edmar e Roseane, recebe nessa edição de 2023, entre outros países, Gana, Bolívia, Cuba, México, Peru, Colômbia, Caribe e África do Sul.

Trataremos aqui de dois encontros. O primeiro deles reúne múltiplas vozes em um discurso único, o das manifestações artísticas. O segundo une importantes campos do saber: arte e educação. Ainda para Nietzsche, é preciso estar “embriagado” dos grandes desejos e emoções, das festas, das grandes lutas, da destruição, das vontades acumuladas e dilatadas, porque se não a arte é impossível! (NIETZSCHE, 2020, p. 59). Por conseguinte, acreditamos que a educação também será.

1.1 Arte e Literatura

Navegador de mares dantescos que é, o poeta Marcos Lucchesi assim descreve suas apreensões no processo criativo:

“O sentimento-ideia, o sentido das remissões. O contato com o abismo, ainda que na longa superfície. A adesão ao processo. A entrega radical.” (BAPTISTA, 2022, p. 135)

Foi preciso ouvir, além desta, diversas outras vozes, e ainda assim não foi possível responder, em sua totalidade, a uma pergunta tão impiedosa e desconcertante. E vamos além: por que perpetuar a arte e fazer dela, inclusive, um componente curricular na educação básica?

Ora, ao tratarmos de algo tão “sem utilidade”, como muitos pensam, e por muitas vezes “subjetivo”, a arte encontra significados diversos para quem a aprecia, para quem a teoriza, para quem a condena, para quem a comercializa, para quem a banaliza, para quem a produz, para quem a desconhece e para quem a eterniza. Se parte de um rabisco nos mais recônditos breus de uma caverna se torna arte, quando um objeto é leiloado postumamente, por valores exorbitantes, qual a importância disso tudo?

Em 1930, ao referir-se ao cinema, o escritor Georges Duhamel assim publicou sobre a sétima arte:

É um divertimento de escravos, um passatempo de iletrados, de pobres criaturas aturdidas por suas necessidades e preocupações... um espetáculo que não exige nenhum esforço, que não supõe nenhuma sequência nas ideias, não suscita questões, não aborda seriamente nenhum problema, não inflama qualquer paixão, não provoca no fundo dos corações nenhuma centelha, não alimenta qualquer esperança. (PIGNATARI, 1977, p. 81)

Podemos nos valer das falas de Duhamel para os dias atuais, se levarmos em conta a *cultura de massa* que não “reflete”, não questiona, não “inflama” nem não “alimenta esperanças”. Mas, o que é a Arte senão algo *não-utilitário*, subjetivo,

pessoal e provocativo a quem está aberto a ser por ela provocado?

No mesmo ano, Sigmund Freud alertava sobre a possibilidade de se afastar o sofrimento com o ganho de prazer, prazer este oriundo de trabalhos intelectuais, solução imbatível contra o “inimigo sofrimento”, o que o levou a tratar da criação do artista, da corporeidade de suas (até então) fantasias. Freud destacou a fruição de obras de arte também por parte de não-artistas, e usou o termo “suave narcose” para uma momentânea fuga da realidade dura e miserável que é a vida. *La dolce vita*. (FREUD, 1930, p. 23, 25). Pela mesma razão, lembremos que a Arte, a própria criação artística e seus desdobramentos foram abordados por Freud em importantes escritos psicanalíticos.

Os dramaturgos: Goethe e sua autobiografia *Poesia e Verdade*; Dostoiévski e sua obra *Os irmãos Karamázov*; Shakespeare, por meio das peças teatrais *Hamlet*, *Macbeth*, *O Mercador de Veneza* e *Ricardo III* e Ibsen por *Rosmersholm* ou *Quando despertamos de entre os mortos*; além das esculturas de Leonardo da Vinci e Michelangelo, deste último recorrendo ao seu “Moisés”. (FREUD, 2015)

Se imagens são pontos de partida para outras imagens, ao nos atentarmos aos sarcófagos, dos que fazem parte de acervos de importantes museus até os que compõem cemitérios e igrejas, a *arte tumular* se faz presente e com funções diversas. Desde a possibilidade de se aprofundar em aspectos sociais e narrativas familiares, a arquitetura e a escultura surgem como expressivas manifestações artísticas, além de infindáveis encontros com as mitologias (grega, romana, nórdica ou egípcia) até instigantes simbologias como a utilização de determinados elementos que remetem à flora e a fauna, bem como portas, cortinas, anjos e estátuas em tamanho natural, que podem ser utilizadas em diversos contextos.

O escultor suíço Alberto Giacometti foi obcecado pela arte tumular. A morte, como tema central de sua obra, passou a persegui-lo em dado momento de sua vida. Ao nos atentarmos às motivações possíveis, podemos nos ater às suas perdas familiares, bem como à Segunda Guerra Mundial, abastada de imagens cruéis que se solidificaram no processo de criação do artista.

E, ainda, a arte como suspensão, como levitação, como fuga de um território e ida ao ilusório, mesmo por um instante fugaz, e por um espaçamento mínimo, pode ser uma de suas grandes contribuições a nós, seres humanos. O professor e fotógrafo Boris Kossoy, por exemplo, prefere “imaginar esse mundo misterioso que acontece independente da nossa vontade, as coisas que a gente não percebe” (PERASSOLO, 2022). Este é o mote para criar narrativas por meio de suas imagens: sua arte. Também outro ícone da fotografia conceitual, morto recentemente, o francês Elliott Erwitt, tinha o tema da *condição humana* como mote para sua produção artística.

O historiador Ernst Gombrich, ao analisar as obras do pintor holandês Rembrandt, alertou para a função da luz em alguns dos seus quadros, como um *quase ofuscamento* que carregava o tom dramático das cenas (GOMBRICH, 1985, p. 333). Essa arte sempre será inspiração até mesmo para a própria arte, como nos conta o crítico de cinema Inácio Araújo sobre as filmagens de “O Poderoso Chefão”.

Segundo ele, o diretor Francis Ford Coppola vivia em pé de guerra com o fotógrafo Gordon Willis, que trabalhava com uma luz nada histriônica, causando assim certos infortúnios, como a impossibilidade de ver os olhos de Marlon Brando com muita clareza. Inspirado, respondeu aos ataques: “Nos quadros de Rembrandt também não!”

É preciso que haja não só a catástrofe real, porque inevitavelmente sempre existirão catástrofes, mas é preciso que ela possa ser, talvez, contemplada artisticamente, por meio da arte, para que então possa ser entendida ou ao menos refletida e, doravante, devidamente discutida. Para tanto, ouçamos a brilhante colocação do professor e filósofo Roberto Machado ao objetivar a arte:

As artes têm como objetivo captar, capturar forças. A música deve tornar sonoras forças ‘insonoras’. A literatura, tornar dizíveis forças indizíveis. A pintura, tornar visíveis forças invisíveis. (MACHADO, 2009, pp. 233, 238)

A escritora e crítica de arte argentina María Gainza (nascida em 1975), em seu *El nervio óptico* (2014), nos presenteia com onze contos que traduzem a importância de cada um dos quadros para as personagens, ou seja, talvez para a própria Gainza. A magnitude da obra se vale apenas da linguagem verbal; não há imagens, telas, quadros. A autora esmiúça cada uma das obras e, por meio da literatura, nos leva ao encantamento da palavra, à *arte*. Em uma passagem, define que a “a arte reside na distância entre algo que nos parece bonito e algo que nos cativa, e que as variáveis que modificam essa percepção podem e costumam ser mais ínfimas.”

É possível um quadro fazer “o chão tremer aos seus pés”? E o encontro da fé inabalável com a sensibilidade perturbadora da carne e do espírito, que suscita sugestivas e excêntricas reflexões artísticas? Sim, possivelmente. (GAINZA, 2014, p. 11,19, 44, 62, 04). Em outra passagem, a personagem, que não sabia aonde ir, decide visitar um museu apenas por seguir seu instinto de sobrevivência, comparando-se às pessoas em abrigos antibomba em tempos de guerra.

Em sua escrita, até abismos familiares diminuem quando um quadro se faz presente, mesmo que, mais uma vez, por um instante. Ainda quando cita uma obra do pintor francês Gustave Courbet, a autora dá cabo da arte, colocando que é por meio dela que a vida se mostra “em toda sua glória estridente”.

Em outro intrigante conto, um poster leva a personagem a “se sentir única, a solidão brutal deste pedaço de carne suada que sou”. Há uma suspensão, por meio da arte, e uma queda, a consciência de uma felicidade breve, mesmo sabendo, após uma consulta médica, que sua saúde está perfeita.

É possível um quadro fazer “o chão tremer aos seus pés”? Sim, possivelmente. E o encontro da fé inabalável com a sensibilidade perturbadora da carne e do espírito, que suscita sugestivas e excêntricas reflexões artísticas? Na mesma medida (GAINZA, 2014, p. 11,19, 44, 62, 04). É de fato relevante este encontro em que duas artes manifestam seu esforço e encontram seu lugar, e se pudermos chamá-lo também de importância, porque se vale de fugas fantasiosas,

bem como de criticidade, investigações íntimas, descobertas e redescobertas.

Segundo o filósofo italiano Antonio Negri (1933-2023), é essencial a colaboração da arte quando subverte na composição dos planos do imaginário, o que propicia diretamente novas práticas. Para ele, “é a arte que nos lança ao infinito” e, ao citar o filósofo Gilles Deleuze, coloca que ela tem uma atração bastante significativa pelo caos, mas sabe combatê-lo, mesmo vivendo nele, que é destrutivo e nos desorienta. Negri sugere como alternativa “viver na arte”, já que os movimentos artísticos são “máquinas de guerra” (NEGRI, 2019, p. 76, 98, 114) e não havendo melhor armamento possível para a barbárie e a fuga de uma realidade inóspita, nada mais nos resta. Recentemente o artista britânico Damien Hirst alertou que “sem arte, é difícil acreditar em qualquer coisa.” (HIRST, 2022)

E ainda Deleuze, em sua obra *Proust e os signos*, assim coloca:

Sem dúvida, a própria arte é sempre objeto de um aprendizado, em que passamos pela tentação objetivista e pela compensação subjetiva, como em qualquer outro campo. Mas a revelação da essência (além do objeto e além do próprio sujeito) só pertence ao domínio da arte: se tiver de realizar-se, é nele que se realizará. Daí por que a arte é a finalidade do mundo, o destino inconsciente do aprendiz. (DELEUZE, 2003, p. 48)

De obra posterior à Gainza, Peter Schjeldahl (1942-2022) é um dos mais importantes críticos de arte em todo o mundo. Também poeta e educador, este norte-americano e autor de aproximadamente vinte livros ainda contribuiu, desde 1998, para o *The New Yorker*. “Hot, Cold, Heavy, Light, 100 Art Writings – 1988-2018” reúne cem críticas por ele realizadas no período de 1988 até 2018. São impressões acerca de uma infinidade de artistas e suas obras, em espaços dos mais diversos que os Estados Unidos receberam para exposições.

Mais que impressões o poeta nos leva junto dele à cada uma de suas visitas e nos oportuniza celebrar a arte como fio condutor para novas possibilidades: sensoriais, imagéticas, brutais, mais uma vez de suspensão e fortemente

convidativas à reflexão. Para ele a arte funciona muito melhor quando estamos em crise, mas não deve propor qualquer tipo de solução.

Ela expõe muitos dos nossos conflitos pessoais explorando assim energias, por mais parciais que sejam, e beleza, por mais fugidias que sejam (SCHJELDAHL, 2019, p. 134). Gainza, ainda em seu *El nervio óptico*, citou o crítico no conto “Clarões na água”, em que trata das obras de Courbet:

Por isso Peter Schjeldahl diz que, depois de ver um Courbet, temos vontade de sair correndo, organizar um motim, transar ou comer uma maçã. Seus quadros provocam febre pictórica. (GAINZA, 2014, p. 60).

Curiosamente, como nesta obra, no livro de Schjeldahl só há linguagem verbal/textual, sem imagens ou ilustrações. É preciso que o seu leitor utilize da imaginação, em especial os leigos, para recriar as obras ali criticadas. Selecionamos algumas críticas para então pontuar como cada um dos artistas afetou o crítico, que, mesmo em seu distanciamento, foi receptivo, atingível e permissivo:

Edgar Degas (*Seven Days*, 19 de outubro de 1988): “As cores ficam quentes, mais quentes, mais quentes. As modelos estão se matando, segurando essas poses. Ele é um velho. Quanto mais ele tem nele? Ele é um meteoro atrás de fogo, começando a piscar.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 12, tradução nossa).

Edgar Degas (*Seven Days*, October 19, 1988): “*The colors go hot, hotter, hottest. The models are killing themselves, holding those poses. He´s and old man. How much more does he have in him? He is a meteor trailing fire, beginning to wink out.*”



Courbet (*Seven Days*, 21 de dezembro de 1988): “Sexo é a chave para Courbet. (...) Agora ele está no Brooklyn, conquistando o público. Ele tem coisas lá

que ele sabe que você vai gostar.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 29, tradução nossa).

Courbet (*Seven Days*, December 21, 1988): “*Sex is the key to Courbet. (...) Now he’s in Brooklyn, inviting the public. He has things there that he knows you are going to like.*”



Velázquez (*Seven Days*, 18 de outubro de 1989): “A única maneira de sentir falta de Velásquez é ser cego.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 35, tradução nossa).

Velázquez (*Seven Days*, October 18, 1989): “*The only way to miss Velásquez is to be blind.*”



Van Gogh (*Seven Days*, 6 de setembro de 1989): “Van Gogh lhe dará o máximo de aventura subjetiva que você puder levar. Sua arte é inesgotável. – ou assim eu acredito.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 54, tradução nossa).

Van Gogh (*Seven Days*, September 6, 1989): “*Van Gogh will give you as much subjective adventure as you can take. His art is inexhaustible. – or so I believe.*”



Caspar David Friedrich (*Village Voice*, 19 de fevereiro de 1991): “Pensando em Friedrich, sinto-me próximo de uma essência de excitação doentia, de prazer na imolação, que é o lubrificante espiritual da guerra.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 74, tradução nossa).

Caspar David Friedrich (*Village Voice*, February 19, 1991): “*Thinking of Friedrich, I feel close to an essence of sick excitement, of pleasure in immolation, that is war’s spiritual lubricant.*”



Henri Matisse I (*Village Voice*, 29 de setembro de 1992): “A mostra de

Matisse no Museu de Arte Moderna é uma orgia controlada. Ele vai deixar você saber o quanto de prazer você pode suportar. Refiro-me ao prazer visual, claro – excitação da visão – mas mais, também. Matisse cruza levemente com outros sentidos, provocando emoções fantasmas de paladar e olfato. Ele estimula a mente para a análise, depois a esbofeteia com audácias. Ele ativa o aperto de mão oculto da estética e do sexo.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 79, tradução nossa).

Henri Matisse I (*Village Voice*, September 29, 1992): “*Matisse’s exhibit at the Museum of Modern Art is a controlled orgy. It will let you know how much pleasure you can stand. I mean visual pleasure, of course—arousal of eyesight—but more as well. Matisse crosses others senses, sparking phantasmatic emotions of taste and smell. He stimulates the mind into analysing, then strikes it with audacities. He activates the occult handshake of aesthetics and sex.*”



Jane Dickson/Karen Finley (*Village Voice*, 3 de agosto de 1993): “O memorial não me emocionou, desta vez. Parecia inoperante, como se estivesse desligado. Refleti que a arte pública parece fútil sem a fonte de seu poder: uma multidão. Quanto melhor e mais sensível a obra, mais desajeitada ela parece quando é desertada. Não é para você ficar a sós com ela.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 96, tradução nossa).

Jane Dickson/Karen Finley (*Village Voice*, August 3, 1993): “*The memorial did not move me, for once. It felt inoperative, as if unplugged. I reflected that public art looks futile without its power source: a crowd. The better, more sensitive the work, the more embarrassed it seems when deserted. You’re not supposed to be alone with it.*”



Um roubo na Noruega (*Village Voice*, 8 de março de 1994): “O Pânico e outros originais de Munch mudaram minha vida quando os vi em uma retrospectiva na National Gallery em Washington em 1979. A experiência me confirmou como crítico de arte.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 121, tradução nossa).

A Theft in Norway (Village Voice, March 8, 1994): “The Scream and other Munch originals changed my life when I saw them in a retrospective at the National Gallery in Washington in 1979. The experience confirmed me as an art critic.



Willem de Kooning (*Village Voice*, 1º de novembro de 1994): “A inteligência violenta da pintura detonou prazer após prazer. Quando me virei, tudo na exposição estava a plenos pulmões. Meia hora depois, fui espancado até o ponto do júbilo. Vou descansar e voltar para mais.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 142, tradução nossa).

Willem de Kooning (*Village Voice*, November 1, 1994): “*The painting’s violent intelligence detonated pleasure after pleasure. When I turned around, everything in the show was singing its lungs out. Half an hour later I was beaten to a pulp of joy. I’ll rest and go back for more.*”



Helen Levitt (*Village Voice*, 24 de junho de 1997): “Levitt está entre as melhores de todos os fotógrafos de rua e talvez a mais forte, pela intensidade de seus sabores empíricos e emocionais. Suas obras atordoam a mente enquanto quebram o coração em dois e depois em quatro e, finalmente, em pedaços.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 158, tradução nossa).

Helen Levitt (*Village Voice*, June 24, 1997): “*Levitt is among the best of all street photographers and perhaps the single strongest, for the intensity of her flavors both empirical and emotional. Her works stuns the mind while breaking the heart in two and then in four and finally to pieces.*”



Christopher Wool (*New Yorker*, 4 de novembro de 2003): “Fazer o mundo parecer uniformemente horrível requer disciplina. O obturador sombrio da câmera de Wool sugere uma psicologia criativa peculiar. Quando se sente mal, ao que parece, ele se anima. E quando ele se sente pior, é dourado.” (SCHJELDAHL, 2019,

p. 160, tradução nossa).

Christopher Wool (*New Yorker*, November 4, 2003): “*To make the world appear uniformly horrible requires discipline. Wool’s grim shutterbugging suggests a peculiar creative psychology. When he feels bad, it would seem, he perks up. And when he feel worse, he’s golden.*”



Giorgio Morandi (*New Yorker*, 22 de setembro de 2008): “No meu mundo ideal, a casa de todos os que amam a arte vem equipada com uma pintura de Giorgio Morandi, como equipamento de exercício para tonificar diariamente os olhos, a mente e a alma. (...) As cores são silenciadas como vozes abaixadas para não atrapalhar um dorminhoco, mas sua melodia e seu tom penetram. Um Morandi prende seu olhar a qualquer distância. (...) A experiência de sua obra é incompartilhável até mesmo, de certa forma, consigo mesmo, como uma palavra lembrada, mas não lembrada, na ponta da língua.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 226, tradução nossa)

Giorgio Morandi (*New Yorker*, September 22, 2008): “*In my ideal world, the home of everyone who loves art would come equipped with a painting by Giorgio Morandi, as exercise equipment for daily toning up of the eye, mind, and soul. (...) The colors are muted like voices lowered so as not to disturb a sleeper, but their melody and tone penetrate. A Morandi grabs your eye at any distance. (...) The experience of his work is unsharable even, in a way, with oneself, like a word remembered but not remembered, on the tip of the tongue.*”



Luc Tuymans (*New Yorker*, 12 de outubro de 2009): “Muitas vezes me perguntei, diante de pinturas de Tuymans, o motivo de estar olhando para algo aparentemente tão desanimador. Minutos depois, ainda estou me perguntando, incapaz de me afastar de um delicado engajamento que, misteriosamente, parece tão necessário quanto um bote em uma enchente. O dilúvio é o barulho do mundo. O trabalho é silencioso.” (SCHJELDAHL, 2019, p. 252, tradução nossa).

Luc Tuymans (*New Yorker*, October 12, 2009): “*I have often wondered, in front of paintings by Tuymans, why I was looking at anything apparently so desultory. Minutes later, I’m still wondering, unable to tear myself away from a delicate engagement that mysteriously feels as necessary as a raft in a flood. The flood is the noise of the world. The work is silent.*”



Giovanni Bellini (*New Yorker*, 11 a 18 de julho de 2011): “*Como a humildade de São Francisco, a obra faz você querer ser digno dela. Mude sua vida.*” (SCHJELDAHL, 2019, p. 255, tradução nossa).

Giovanni Bellini (*New Yorker*, July 11/18, 2011): “*Like the humility of St. Francis, the work makes you want to be worthy of it. Change your life.*”



Jay Defeo (*New Yorker*, 18 de março de 2013): “*Me tirou o fôlego.*” (SCHJELDAHL, 2019, p. 262, tradução nossa).

Jay Defeo (*New Yorker*, March 18, 2013): “*It took my breath away*”.



Young Rembrandt (*New Yorker*, 1º de agosto de 2016): “*Como o jovem Rembrandt sabia tanto sobre extremos existenciais ou emoção? A resposta é que não. Estava em outros olhos, mentes e corações: os nossos, agora.*” (SCHJELDAHL, 2019, p. 262, tradução nossa).

Young Rembrandt (*New Yorker*, August 1, 2016): “*How did the young Rembrandt know so much about existential extremes or emotion? The answer is that he didn’t. (...) It pended completion in other eyes, minds, and hearts: our own, now.*”

É perceptível que o ato louvável de sensibilizar seu interlocutor está em todas as críticas elencadas acima, mais especificamente nos destaques apontados. Função única de um crítico, ele sempre induzirá um apreciador de arte a visitar uma

exposição, seja ela boa ou ruim, segundo sua constatação. Schjeldahl dedica sua crítica na *New Yorker* de 29 de julho de 2013 ao artista suíço Thomas Hirschhorn, de viés político e filosófico, que tem como máquinas de guerras grandes esculturas que denunciam o consumismo e a mídia, entre outras coisas. Suas obras têm como referência os filósofos Baruch Spinoza, Georges Bataille e Gilles Deleuze, para quem ergueu construções em áreas desfavorecidas: Amsterdam, Kassel e Avignon, respectivamente. Como heróis, classificou-os como “Spinoza, *love/philosophy*; Deleuze, *philosophy/aesthetics*; Bataille, *aesthetics/politics*” (SCHJELDAHL, 2019, p. 219). O Instituto Cultural Inhotim recebeu em 2011, *Restore Now* [Restaurar agora], instalação do artista Thomas Hirschhorn.

Leiamos Gombrich em referência aos movimentos artísticos ao século XV:

Sabemos como os artistas tiveram de insistir em que seu verdadeiro trabalho não era manual, mas cerebral, e que não faziam menos jus a serem recebidos na sociedade polida do que os poetas. Foi através dessas discussões que os artistas se viram forçados a enfatizar a importância da invenção poética em arte e os temas elevados que preocupavam seus espíritos. (GOMBRICH, 1985, p. 367)

O encontro das artes é sempre potente. Ganzia e Schjeldahl (este último, morto em 21 de outubro de 2022) puderam comprovar, com riqueza de detalhes, o esgotamento e a insistência de ambos em, a todo momento, sensibilizar o leitor e convidá-lo a conhecer as obras citadas: os quadros, as fotografias, as esculturas e as grandes instalações. Em dado momento, a autora cita o poeta italiano Giacomo Leopardi, por exemplo, enquanto o autor encerra uma crítica citando – e se pudesse declamaria – Charles Baudelaire.

Ainda ao tratarmos do encontro de potências, agora em território nacional, o MASP (Museu de Arte de São Paulo) reuniu dois grandes nomes para a exposição “Retratos Brasileiros”. O artista Joseca Yanomami, nascido no Amazonas, retrata em seus desenhos a floresta e elementos da natureza e de seu cotidiano. Sua “arte indígena” já esteve em Londres, Xangai, Paris e além do MASP, MAM e no Instituto

Tomie Ohtake. Também com obras no exterior, em museus como o MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York) e em países como Nigéria, além da 32ª Bienal de São Paulo e “Enciclopédia Negra” na Pinacoteca de São Paulo, o artista brasileiro Dalton Paula, por meio de seus retratos reais-fictícios, preocupa-se com o violento apagamento histórico a que foram submetidas as lideranças negras brasileiras.

Recentemente, a atriz brasileira Cláudia Abreu estreou seu monólogo “Virginia”, um trabalho tocante em que relata os últimos momentos de vida da escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941). A peça teatral ganha edição bibliográfica, o que é uma raridade brasileira, e o resultado foi um sucesso de crítica e público. Para Abreu, o teatro permite reflexões de um mesmo assunto e a possibilidade de suspensões momentâneas da realidade, sempre de forma positiva e construtiva. “Sair de si um pouco, descansar de si mesma”, eis uma das “fugas” que a arte proporciona, segundo ela. Ao final do espetáculo, a autora relembra uma fala que um dos seus irmãos costumava dizer: “Tudo está em Shakespeare!”. Já o filme *All is True*, de 2018, com direção e atuação do britânico Kenneth Branagh, além de ter no elenco os atores Judi Dench e Ian McKellen, trata do isolamento de William Shakespeare depois do incêndio do *Globe Theatre* e da morte de seu filho caçula. Vivendo como um cidadão comum em uma pacata cidade, Shakespeare é questionado por um morador local: “Como você sabia de tudo?”.

São duas belas cenas, Woolf e Shakespeare nos dizendo onde tudo está. Estamos falando de literatura, cinema e teatro, tratando de uma tríade essencial ao homem e criada pelo próprio homem, pelo *homem-artista* que se percebe muito além de medíocres e irrisórias percepções, como nos propõe Deleuze e Félix Guattari:

Com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido. É um vidente, alguém que se torna. Como contaria ele o que lhe aconteceu, ou o que imagina, já que é uma sombra? Ele viu na vida algo muito grande, demasiado intolerável também, e a luta da vida com o que a ameaça, de modo que o pedaço da natureza que ele percebe, ou

os bairros da cidade, e seus personagens, acedem a uma visão que compõe, através deles, perceptos desta vida, deste momento, fazendo estourar as percepções vividas numa espécie de cubismo, de simultaneísmo, de luz crua ou de crepúsculo, de púrpura ou de azul, que não tem mais outro objeto nem sujeito senão eles mesmos. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 217)

Segundo o diretor teatral e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), morto em julho do presente ano, a arte nada mais é do que um movimento social e amoroso, carregado de afetividade. *Vida e afeto*. Zé Celso, como era chamado carinhosamente, de altiva presença e eloquência dionisíaca, amante da beleza e do erotismo, flertava constantemente com Afrodite e Eros. Para Deleuze, a alma só se torna ativa por meio de um Dioniso que a venha acariciá-la, é um caminho que propõe a leveza, de descarga, “alçada ao céu” (DELEUZE, 1992, p. 121).

Os trabalhos do diretor teatral sempre intencionaram uma ruptura e buscavam a tomada de consciência. Leitor voraz de Oswald de Andrade, Zé Celso acreditava trabalhar pelo *ócio*. O diretor, desde a década de 60, oportunizou ao público de teatro (no Brasil e fora do país) montagens baseadas em autores nacionais com o próprio Oswald de Andrade (*O Rei da Vela*), além de Chico Buarque (*Roda Viva*), Nelson Rodrigues (*Boca de Ouro*), Euclides da Cunha (*Os Sertões*), incluindo peças de sua autoria (*Vento forte para um papagaio subir*, *Cacilda!*).

Ainda sobre sua relação com Oswald de Andrade, o diretor foi “réu confesso”, por assim dizer, ao confessar sua dificuldade inicial em compreender a obra do autor. “Não entendi nada!”, declarou Zé Celso – de balde, se pensarmos que *O Rei da Vela* foi uma de suas mais aclamadas montagens teatrais! É preciso nos valermos de Deleuze, no exercício da retomada à arte da literatura, que, de imediato, se apresenta desinteressada e incompreensível. Uma obra só será de fato compreendida se for aceita por inteiro, sem qualquer julgamento *a priori*. Perseguida. É preciso estar atento às suas pausas, antecipações e quebras (DELEUZE, 1992, p. 108). Sim, *tudo* está na arte!

1.2 Outras manifestações possíveis

A arte é fundamental para o desenvolvimento do espírito, para a depuração e aguçamento da sensibilidade e, por extensão, para a expressão da pessoa. O contato com a arte faz com que cada um entre em contato com seu próprio devir, já que por meio dela travo contato com o que desconheço. (Agnaldo Farias, 2022)

Segundo Claudinei Cássio de Rezende, professor de História da Arte, a importância da arte excede o valor histórico e incide sobre as questões reflexivas de uma época e de seus contemporâneos. Assim, podemos considerá-la também como manifestação social e político-ideológico de um período histórico. Se, por um momento, nos atentarmos apenas à importância da arte, além de sensações e sentimentos, e percebermos sua “utilidade” como instrumento transformador, que pode estar contextualizado de qualquer forma em relação à sua época, levamos em consideração a *tecnologia*. Recentemente, o museu britânico *Serpentine* atingiu aproximadamente cem milhões de jogadores dentro do jogo de Internet *Fortnite*, enquanto o brasileiro MAM (Museu de Arte Moderna) aliou outro jogo de Internet, o *Minecraft*, às obras dos artistas Paulo Pasta, Hélio Oiticica e Amílcar de Castro.

Ações semelhantes aconteceram também em Paris e Nova York, o que parece uma aliança frutífera e bastante promissora, até porque os *games* [jogos] não necessitam de coadjuvantes para um público jovem e tecnológico. Mesmo assim, a arte assume um importante papel nesta ação, até mesmo em segundo plano.

Ao que tudo indica, a tecnologia permite exposições mais “dinâmicas”, se assim podemos dizer, mais “instagramáveis”, para utilizarmos um termo da moda. A ideia das exposições atuais, chamadas *The Immersive Experience* [A Experiência Imersiva], atrai um grande público dentro e fora do país. Três importantes exemplos foram “Portinari para todos”, “Renoir – A Beleza da Vida” e “*Beyond Van Gogh*”. Esta última recebeu um público de dez milhões de pessoas pelo mundo e mais de vinte mil só no Brasil. Mesmo tecnológicas, o que poderia ser associado a ações

culturais “secas”, “duras” e “frias”, um tanto tecnocráticas, estas experiências nos sensibilizam do início ao fim. Acreditamos que são uma nova e convidativa possibilidade de se apreciar a arte.

Um outro exemplo de arte via tecnologia que atraiu, provavelmente, um público pouco ou nada assíduo aos museus, foi a exposição do argentino Leandro Erlich (nascido em 1973). O Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, recebeu mais de duzentas mil pessoas ávidas para tirar fotos (e sobretudo *selfies*) na tão cobiçada obra *Swimming Pool*, que, por meio de ilusão ótica, insere os visitantes dentro de um uma piscina que não molha, permitindo assim, uma vez mais, um registro “instagramável” para postar nas redes sociais. Ora, se ações como esta viabilizam e aguçam a sensibilidade do cidadão comum ao mínimo contato com a arte, ainda que de uma forma frágil, superficial e fugaz, que ela aconteça, então, até para se permitir a fruição da arte, na importância de três mil pessoas que, diariamente, compartilhavam seus registros em redes sociais, como o Instagram. Sabemos que propagavam a arte de Erlich. Para o artista, não houve estratégia em tornar sua exposição, também, mais um evento “instagramável”, mas acredita ser um evento tendencioso, como as experiências imersivas.

Por outro lado, o professor Felipe Martinez, em visita ao Rijksmuseum-Museumstraat de Amsterdã – onde acontecia uma importante exposição de Johannes Vermeer, reunindo vinte e oito das trinta e sete obras do pintor, alcançando mais de quatrocentos e cinquenta mil ingressos vendidos – aponta a importância da contramão do incessante mundo hiperconectado. Martinez usa o termo “praga” para caracterizar tais experiências.

Segundo ele, Vermeer convida a um exercício do olhar, como toda a arte deveria fazer, em estado de real e profunda imersão. Para Gombrich, estar diante das obras de Vermeer é “algo próximo de um milagre” (GOMBRICH, 1985, p. 340). Também Mario Sérgio Conti, ao tratar de outra experiência imersiva, “Michelangelo: O Mestre da Capela Sistina”, alerta para a incivilidade de “massas espessas de criaturas que tiram *selfies* e fotografam umas às outras”.

Outra importante função da arte é a “terapêutica”, se assim podemos classificá-la. Preferimos, por uma linha muito tênue, associá-la ao escapismo, à suspensão e à fuga. Além de Regina Silveira em Porto Alegre, devemos convocar a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) e o terapeuta Lula Wanderley, que utilizaram as obras da artista Ligia Clark com seus “clientes”/pacientes, além da dança da bailarina e coreógrafa Angel Vianna (nascida em 1928).

O também psiquiatra Osório César (1895-1979), companheiro de Tarsila do Amaral (1886-1973), defendia a arte como um importante *recurso terapêutico*, assinalando também a possibilidade de observá-la como um *ofício*.

Ainda neste mesmo universo, é o sergipano Arthur Bispo do Rosário (1911-1989) o nome mais importante da correlação *arte-loucura*. Do outro lado, produzia uma arte de catalogação com o intuito de organizar e recriar o universo, ao que chamou de “missão divina”, para então apresentar o resultado a Deus, vestido com seu manto especialmente confeccionado para a data, no dia do Juízo Final.

Assim, trazemos a junção *tecnologia* e *terapia*, por meio de pesquisa realizada entre maio e junho de 2021 pelo Datafolha e pelo Itaú Cultural, que aponta o surgimento e crescimento, durante a pandemia, de um novo público, ainda tímido, para a cultura. Dados apontaram a adesão desse “novo público” ao teatro, à dança, à música *online*, bem como à realização de aulas e oficinas de arte, seminários, visitas a centros culturais, exposições e museus e palestras da mesma temática.

Se considerarmos que “o interesse por atividades culturais *online* aumentou”, “relacionamentos familiares aumentaram”, “diminuíram as sensações de tristeza, solidão, estresse e ansiedade” e “melhoraram a qualidade de vida” atingem quase 50% para cada um destes indicadores, a arte presta significativo serviço ao cidadão comum, sobretudo àquele que pouco se permitia outras linguagens possíveis para além da convencional e utilitária. (FERRASOLI, 2021)

Neste mesmo mês, o “*webinário*” promovido pelo jornal *Folha de São Paulo*, intitulado “Vida Cultural na Pandemia e no Pós Pandemia”, convidou, para a mesa

“Cultura, Educação e Saúde Mental”, músicos, empresários, diretores e roteiristas de cinema, sociólogos, jornalistas, psicanalistas e profissionais da educação. O resultado do evento identificou a arte e a cultura como facilitadores para desafios como “aguentar o tranco da existência”, “expressar sentimentos”, “estabelecer laços menos violentos, mais fraternos e solidários”, “perceber a música como instrumento de escuta pessoal e do outro” e “acolher e incluir”.

Por outro lado, e tão relevante quanto as possibilidades já citadas, a arte tem a criticidade como potente máquina de guerra. A artista brasileira Regina Silveira (nascida em 1939) destacou-se mais uma vez, agora na 34ª Bienal de Arte de São Paulo, em mostra retrospectiva. A violência, a política e o poder são temas constantes em seu trabalho, desde a década de 70. Para Silveira, “não se deve pedir à arte uma resposta à escalada autoritária no Brasil – cabe aos artistas reagir a isso, se quiserem, dentro de suas poéticas.”

O ano de 2022 confirma a temática da violência, em especial na Alemanha, com a 12ª edição da Bienal de Berlim, onde as críticas relacionadas aos estupros cometidos na década de 40, reparações urgentes e problemas da contemporaneidade estavam presentes na maioria das obras. Importante assinalar protestos de alguns artistas e participações canceladas, como a dos artistas iraquianos. Ainda assim, foi grande a presença massificadora de artistas mulheres, inclusive a brasileira Rosana Paulino (nascida em 1967), que alia sua arte criativa ao Carnaval, sacramentando a urgência de oportunizar vozes e espaços para opinião e enfrentamento por meio da arte. Não houve doçura e sensualidade, mas um posicionamento que beirava o radicalismo. O tom era apocalíptico. Inevitável. Já a 15ª Documenta de Kassel, a maior mostra de arte em todo o mundo, que acontece de cinco em cinco anos na cidade alemã de Kassel, tratou nesta edição de espaços e ocupações.

Em publicação póstuma, o professor da USP, curador-chefe do MASP (2002 a 2015) e diretor do MAC (1998 a 2002), José Teixeira Coelho Netto (1944-2022), alerta:

Artistas, escritores, produtores denunciaram o descaso e a discriminação contra a cultura, mas o governo continuou no seu ritmo e indiretamente deixou claro que cultura não é essencial; esse negócio de cultivar o espírito, a mente, é tudo bobagem. É para que entendamos bem: cultura não é essencial, cultura continua a ser, de fato, a cereja do bolo. Havendo bolo, coloca-se a cereja –geralmente, de gelatina tingida. (NETTO, 2022)

Desocupações também envolvem a arte: neste caso, a *arte do desprezo*. De onde a desimportância da arte para as políticas públicas. No início do ano de 2022, o Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, no Rio de Janeiro, fechou as portas e precisou se desfazer de seis mil obras.

A Sérvia se interessou por quatro mil dessas obras, que fazem parte de uma forma de arte popular produzida por artistas que não tiveram iniciação artística acadêmica. É preciso que nos atentemos à importância do desprezo, não importa se é resultado de ignorância, descaso, infortúnio ou tradicionalismo. Educar também para o descaso, porque, se a arte educa, é preciso clarear as ideias e delinear os passos. Do mesmo modo, a arte serviu como instrumento de denúncia em alguns tipos de manifestações no ano passado (2022). Ativistas de uma organização italiana que visa os malefícios das mudanças climáticas prendem seus corpos, com cola Super Bonder, a obras de arte. Para eles, é inadmissível que haja arte em um país à beira do colapso. Investir em “fósseis” onde não se come também faz parte do discurso deles. Felizmente, as obras não foram danificadas, porque eles grudam suas mãos nas molduras, não na tela em si. O intuito é convocar as autoridades, comover os governos e gerar conscientização.

Nos dois últimos anos as curadorias, muito provavelmente, se voltaram em grande medida para essa função, em especial ao enaltecer a brasilidade, a arte brasileira. O MASP, ao apresentar obras do artista italiano radicado no Brasil Alfredo Volpi, e de Abdias do Nascimento, acredita na importância de uma arte nacional e poética, por também poder ser declamada – inclusive com forte influência africana na construção do Brasil de Nascimento, com seus orixás e sua crítica às desigualdades. Inspirada, também a direção do Theatro Municipal de São Paulo pareceu dar a devida importância às obras do dramaturgo santista Plínio Marcos e

levá-las ao seu sisudo e imponente palco, não como o teatro censurado em 1967, pela ditadura militar.

Estamos falando de ópera e de grandes desafios, como formação de público e manutenção de elenco e orquestra, além de fazer com que o público mais “elitizado” ouça a arte em português, com significativa quantidade de palavras de “baixo calão”, característica do universo literário de Marcos: obscuro, seco e angustiante. Por outro lado há ópera, literatura, teatro e música, o que resulta em uma união das mais potentes que a arte pode nos propiciar.

E ainda o MASP, este museu convidou o público, e por algumas vezes de forma gratuita, mas com ainda alguma burocracia digital, ao universo do pintor francês Paul Gauguin. Em exposição denominada “Paul Gauguin: o Outro e Eu”, procurou-se problematizar a paixão abissal pelo que ele chamou de “exótico” ao se deparar com a Polinésia Francesa, onde viveu isoladamente e produziu sem cessar. Pelo excesso de nudez feminina nas obras deste período, quase viu-se “cancelado” (para utilizarmos um termo midiático atual). Pouco importou a tentativa. O museu estava lotado, com ingressos gratuitos, de pessoas mais atentas e introspectivas, e de pessoas comuns que ou só faziam suas *selfies*, e não observam atentamente mais que duas das mais de quarenta obras ali expostas, ou riam de determinada nudez ou de um traço mais “exótico” de uma taitiana. Não há qualquer problema, já que o contato com a arte foi sugerido e estabelecido.

Se “*a arte pensa por afectos e perceptos*”, retomemos Deleuze e Guattari:

Os grandes afectos criadores podem se encadear ou derivar, em compostos de sensações que se transformam, vibram, se enlaçam ou se fendem: são estes seres de sensação que dão conta da relação do artista com o público, da relação entre as obras de um mesmo artista ou mesmo de uma eventual afinidade de artistas entre si. O artista acrescenta sempre novas variedades ao mundo (...) É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 227)

Artistas como Ayrson Heráclito (nascido em 1968) e Paulo Nazareth (nascido

em 1977), que também estiveram em exposição no ano de 2022, trouxeram como temática o corpo *negro*, a raça, o lugar do negro na arte e questões que envolvem violência e religiosidade, o que suscita importantes reflexões e debates da contemporaneidade. Também o pintor romeno Samson Flexor, radicado no Brasil desde 1948, tratou em suas obras sobre a ditadura militar e os malefícios do autoritarismo na década de 60. Antes disso, pincelou o Carnaval e suas alegorias. São bons e maus encontros, já que “arte é captura”.

Corpos se encontram por conveniência, já que a potência de agir vê-se claramente alterada, segundo Roberto Machado, de tal modo que, ao dissecar as obras deleuzianas, nos encaminha a percursos que destacam estudos minuciosos acerca de artistas como Paul Cézanne (1839-1906) e Francis Bacon (1909-1992).

Deleuze buscou a arte representativa de Bacon, porque escapava da arte ilustrativa, já que, por meio dela, era possível atingir imediatamente as emoções, agir diretamente no sistema nervoso. Além disso, debruçou-se incansavelmente sobre o estudo da forma, mais especificamente sobre a cor e o uso que o pintor faz dela (MACHADO, 2009, pp. 233; 238). Ainda sobre Bacon, é a professora e poeta Anne Carson (nascida em 1950) quem nos lembra de sua necessidade de transmitir a sensação, não o sensacionalismo; já que pintar o horror não era seu objetivo, mas sim o grito. (CARSON, 2023, p. 162)

Figura 3 – “Self-Portrait”, (1978), obra do pintor Francis Bacon.



Fonte: Private Collection, © The Estate of Francis Bacon

CAPÍTULO II – QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA ESCOLA?

*É o princípio da sua paixão.
É o princípio da sua perdição.
(...) a arte é uma amante das mais exigentes,
que rivaliza com outras lealdades mundanas, tal qual a família.
Mas a arte transporta também outro preço:
ela revela o que estava oculto na 'vida normal'.
E essas revelações nem sempre são apaziguadoras.*

João Pereira Coutinho (2023)

2.1 Discussões acerca da arte na escola

Ao tratarmos de arte e educação, ao abordarmos especialmente práticas nacionais, é para Anísio Teixeira, pedagogo e grande entusiasta de ambas, que devemos voltar nossas atenções. Conhecido por ser um incentivador das artes e descobridor de novos talentos, não foi somente alguém que administrou o universo escolar, mas também foi além como um “polêmico homem de cultura”. De acordo com seus estudiosos, a política vigente era avessa às suas concepções educacionais. Ora, lembremos do filósofo e educador John Dewey: “No reino da arte quem entra são os que tem fome e sede”. (DEWEY, 2010, p. 444)

Para Teixeira, a escola e a vida não podem estar separadas e, como acreditava na prática constante da arte, defendia o mesmo pensamento para a educação e a cultura. Suas incansáveis reflexões acerca da arte objetivavam o desenvolvimento humano para que houvesse significativo aperfeiçoamento da ação pedagógica, já que incluir atividades artísticas na formação dos alunos foi um de seus ideais mais contundentes.

Ainda para o nosso educador brasileiro, muito inspirado em Dewey, “a arte é uma forma de sentir o universo”. Esse modelo estadunidense de abordagem pedagógica às práticas culturais passa a encantá-lo no final da década de 1920, na

Universidade de Columbia, quando Teixeira foi aluno e orientando de Dewey, a quem considerava “um grande filósofo contemporâneo, um filósofo da educação”. As teorias de ambos convergem, já que observam a cultura como uma força ordenadora e *médium* privilegiado para “exercer a tolerância, o respeito mútuo, a convivência com a contradição, a consolidação da nacionalidade e a necessidade do intercâmbio com outros povos e nações”. (ROCHA, 2014, p. 86)

Dewey ao lembrar o escritor alemão Goethe e sua máxima “*a arte é formadora, muito antes de ser bela*”, pontua também uma de suas funções mais significativas: a comunicação. Ora, se a arte se dá na experiência do outro e não na de seu criador, como o educador acredita, sempre haverá intensidade e plenitude em práticas educativas que proporcionem vivências artísticas que transformem o saber, inclusive aguçar a percepção, permitir relações humanas e exterminar qualquer tipo de preconceito ao “*retirar os antolhos que impedem os olhos de ver*”. (DEWEY, 2010, pp. 215, 257, 491, 496, 548, 585)

Ainda assim, ao mesmo tempo em que reverbera e assombra, também nos faz refletir a pergunta precisa e pontual do professor e poeta gaúcho Clóvis Da Rolt: “o que significa ensinar arte no mundo atual?” (ROLT, 2022, p. 214), já que é um lugar infeliz, contraditório e malconduzido em suas práticas pedagógicas, segundo ele.

É preciso reconhecer que a falta de visibilidade, importância e respeito para com este componente curricular, que muito contribui não só para a formação acadêmica do indivíduo, mas também a humanística, o coloca em uma situação desconfortável e desacreditada. O professor se utiliza inclusive de termos como “excêntrico”, ou “preocupação com uma aplicação futura”, para ainda confirmar tamanha desqualificação direcionada à arte nas escolas. Seria preciso fazer ecoar esta importante fala pelos corredores frios, brancos e pouco atrativos das escolas: “Eliminemos a arte da história humana e o resultado será devastador!” (ROLT, 2022, p. 217).

Em documento público, divulgado no ano de 2021 pelo então diretor regional do SESC SP, Danilo Santos de Miranda, a Carta de Princípios Culturais propunha

reflexões sobre a cultura e a educação:

Considerando a escola como o principal meio de acesso ao aprendizado formal, a cultura, em seu sentido amplo e plural, a abarca e a conduz para o efetivo desenvolvimento das pessoas em suas relações sociais e políticas. Aprender, assim, é querer, compartilhar, dar sentido, interpretar, expressar, viver. Ou seja, a real oportunidade de cada cidadão manter sua individualidade e ser um ser social na harmonia e na possibilidade de educar-se e imbuir-se cada vez mais de sua e de tantas outras culturas. Tornar-se protagonista de sua existência e de sua ação social e cidadã. (2021, p. 4)

Professores, acadêmicos e artistas, questionados sobre a importância da arte na escola, acreditam que este componente curricular se coloca como fundamental para o conhecimento não científico, mas estético, sensível, crítico, ou seja, como base para se desenvolver competências cognitivas singulares. Também é essencial em dois planos: do ponto de vista da sua apreciação, do conhecimento de seus processos, das questões intrínsecas às diversas linguagens em que ela é praticada, das histórias das diversas disciplinas – música, literatura, teatro, dança, artes visuais (cinema, fotografia, pintura etc.) –, como também é fundamental uma boa introdução aos aspectos práticos dessas linguagens.

Até porque a arte ajuda a “fomentar competências que serão usadas em outras áreas”, segundo resultados obtidos na pesquisa do professor Flávio Comim, realizada em 2019. Socialização, reflexão, raciocínio, entendimento de narrativa e conceito de coesão, quando aborda as artes cênicas, além de criatividade, resiliência e espírito de grupo.

Em artigo publicado pelas pesquisadoras Sonia Regina Albano de Lima e Ana Lucia Nogueira Braz, observamos a incansável tentativa, e sem qualquer necessidade de refutá-la, de fundamentar as incontáveis contribuições benéficas que o ensino da música pode agregar ao desenvolvimento intelectual do discente. Ademais, se pensarmos no gênero musical operístico, estamos tratando de linguagens diversas como a literatura, o teatro, a música e a dança.

Ora, partindo da constatação de que o objetivo primeiro vislumbra o que se “capacita profissionalmente”, a música assume imediatamente sua insignificância,

já que por meio dela desenvolvemos o intelecto e o refinamento. Segundo as pesquisadoras, tratamos aqui de uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento pessoal e global, por ativar a percepção em consonância com as chamadas zonas do cérebro. Outrossim, a música promove a comunicação, também a emocional o que facilita a expressão das emoções e sentimentos em um estado quase catártico. É Dewey quem trabalha com a ideia de que há uma transposição espacial-metáforica promovida pela arte, como a possibilidade de irmos “além de nós mesmos” com o intuito de “encontrarmos a nós mesmos”. Ainda nos alerta que a música “expressa o frêmito, a agitação, o movimento, as particularidades e contingências da vida”. Para ele, o que nos causa sobressaltos são os sons! (DEWEY, 2010, p. 351, 416, 417)

Elas apontam ainda que é possível reorganizar as regiões cerebrais por meio da prática de um instrumento musical, o que aponta muito claramente para uma benéfica ação nos processos de ensino e aprendizagem. A música permite assim o aumento das conexões neurais, o que, indubitavelmente, estimula a criatividade, a inteligência e a sensibilidade, afetando todo o corpo humano. Aliás, as pesquisadoras demonstram as qualidades terapêuticas da música, bem como suas virtudes estimulantes e sedativas, auxiliando nos estados de ânimo e nas mudanças comportamentais de quem a pratica ou vive “experiências musicais”.

Para Albano e Braz, além da possibilidade de proporcionar ao discente um “passeio” por outros tempos e lugares, a prática da música no ambiente escolar produz saberes e promove também o seu amadurecimento racional e estético (ALBANO & BRAZ, 2021).

Quando começaram as grandes exposições públicas, o povo cantou com as crianças e o país assistiu maravilhado e comovido as harmonias de suas florestas, dos grandes ventos dos seus desertos, as melodias dos seus rios e as dores e alegrias de suas diferentes raças, toda a epopeia enfim de um povo, misto e complexo, mergulhado nas extensões tropicais de um continente, posta em som, posta em ritmo, posta em música, numa grande e lírica explosão de afirmação e grandeza. (ANÍSIO TEIXEIRA)

Anísio Teixeira, ainda na década de 30, foi um dos maiores defensores da música na formação dos alunos no ambiente escolar. Para ele, a integração entre *arte e educação*, em especial na escola pública, era de incomparável importância, “e de todas as formas de arte, nenhuma me parecia mais própria do que a música”. Heitor Villa-Lobos, convidado por Teixeira para assumir o Departamento de Educação Musical da Secretaria de Educação do Distrito Federal (1931) e, posteriormente, do Rio de Janeiro (1935), não observou apenas os *discentes*, mas também o corpo *docente* e as incontáveis possibilidades de seu aperfeiçoamento para uma ação pedagógica relevante. (ROCHA, 2014, p. 176)

Para a professora e pesquisadora Ana Maria Haddad Baptista, o poder potencializador parte exclusivamente das linguagens artísticas, o que, além de facilitar um cativante e fértil entrosamento entre discentes, docentes e a própria escola, objetiva a sincronia da lógica e do racional com seus contrários, o ilógico e o irracional, na busca da liberdade de quem ensina e de quem aprende, compromissados – obviamente – com a responsabilidade, vislumbrando constantemente uma renovação, já que a arte é ou deve ser transgressora (BAPTISTA, 2016, p. 17).

Concluimos com Deleuze: “*Quanto a ser responsável ou irresponsável, não conhecemos esses termos, são noções de polícia ou de psiquiatria forense.*” (DELEUZE, 1992, p. 36)

2.2 A BNCC e o componente curricular Arte

É importante entendermos o papel do componente curricular Arte na/para a Educação Nacional, até porque, seguida de muitas falas, sugestões, achismos e considerações, consideramos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da Educação Básica, possa ser, se não esclarecedora, passível de debates e contradições:

De caráter normativo, define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais de que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que

preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)². (BNCC, 2018)

Figura 4 – Trabalho em construção para ambientação de sala



Fonte: acervo do autor

Ao destacarmos o componente curricular Arte no Ensino Fundamental, objeto desta tese, a BNCC aponta quatro linguagens que possibilitam “*as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas*”: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Também sugere as “Artes Integradas” que, segundo o documento, atenta-se para as “*diferentes linguagens, e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação*”.

Preferimos aqui, de forma aleatória, elencar, segundo o documento, as inúmeras “contribuições” esperadas no processo de aprendizagem deste componente curricular que é oportunizado ao discente de um estabelecimento de ensino público apenas em uma aula semanal. Ainda para a BNCC, a construção do conhecimento em Arte na escola se dá por seis dimensões ou faculdades do conhecimento humano (Estesia, Reflexão, Fruição, Expressão, Crítica e Criação),

o que nos possibilitou associá-las a algumas daquelas possíveis contribuições:

. Sensibilidade,

Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

. Intuição,

. Pensamento,

Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

. Emoções,

Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.

. Subjetividades.

Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada

linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

. Reconhecimento de semelhanças e diferenças entre culturas,

. Interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo,

Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

. Respeito às diferenças,

. Diálogo intercultural,

. Exercício da cidadania

. Vivências artísticas como prática social

. Alunos protagonistas e criadores.

Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

Ora, o ensino de arte aponta também para a psicologia, a cidadania, a história, a geografia, o direito, a sociologia, o mercado de trabalho, o “*maker*”, e ao que tudo indica, a psicanálise, a religiosidade e até o misticismo! Para Deleuze, “a arte possui um privilégio absoluto, que se exprime de várias maneiras” (DELEUZE, 2003, p. 48).

Gombrich, ao dissecar a arte, por meio de sua história, nos arrebatava com infindáveis possibilidades no que concerne à sua importância. Sua observação cirúrgica contempla não só o criador-artesão-artista, bem como o receptor-público-crítico. Desde “expressar os sentimentos”; “nos ensinar a ver na natureza novas belezas de cuja existência nunca havíamos sonhado”; “um relance de olhos para fora de nossa própria janela poderá converter-se numa aventura emocionante”; “olhar um quadro com olhos de novidade e aventurar-se numa viagem de descoberta e não poder calcular o que se pode trazer de volta de semelhante jornada”; “sentir e fruir o arrojo do plano de suas criações”; “sensação de testemunharmos o evento real como se fosse representado num palco”; “montar uma cena de modo a insuflar-lhe vida”; “aumentar a beleza e as graças da vida” e “espelhar um fragmento do mundo real”. (GOMBRICH, 1985, pp. 7, 11, 18, 120, 139, 152, 158, 183)

O historiador vai além em suas fundamentações: “deixava que as pessoas se interrogassem”; “era capaz de transmitir a impressão de carne palpitante através de uma pitada de giz ou cor”; “o artista que tinha as forças da natureza sob seu domínio”; “o que ele queria era a verdade, tal como ele a via”; “reflete a mestria soberana do artista, sua rápida percepção e capacidade mágica de evocar uma visão”; “ficamos conhecendo a imensa tensão sob a qual ele trabalhou com febril energia” e ainda “o pintor era um homem que podia derrotar a natureza transitória das coisas e preservar o aspecto de qualquer objeto para a posteridade.” (GOMBRICH, 1985, pp. 201, 286, 304, 359, 367,393, 416, 435, 437)

Portanto, nos chama a atenção “as subjetividades” e “interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo”, que definitivamente, e não só estes tópicos, se não trabalhados de forma interdisciplinar, não haverá possibilidade de arte no

âmbito escolar.

A BNCC acerta, ao contrário do que que pensa grande parte das Secretarias de Educação, porque dedicam uma ou duas aulas semanais, em casos raríssimos; e as Gestões Escolares em sua maioria, porque não acreditam nas possíveis “contribuições”, dizendo, sem qualquer reflexão crítica: “*Ah, mas, também, Arte, né?*”, quando aponta a relevância deste componente curricular, no que diz respeito tanto à prática artística quanto aos processos de criação, em especial o compartilhamento deles. Se a arte na escola não é só cortar bandeirinhas, mesmo que sejam as de Volpi nos meses de junho, ou as bruxinhas nos meses de outubro, em comemoração ao Halloween, há muito o que se produzir e com o que contribuir ou ao menos possibilitar tentativas aos discentes. O próprio documento sugere arte “*ao longo do ano*”, dentro e fora da escola. Finalmente, o documento alerta que o componente curricular de Arte *deve* garantir aos alunos o desenvolvimento de algumas “Competências específicas”.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ARTE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais - especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira -, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando- -as nas criações em Arte.

4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação,

ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

2.3 Reflexões acerca da arte na escola

É preciso haver um espaço específico para que haja arte na escola?

Para os acadêmicos e profissionais das artes entrevistados, mais importante do que ter um espaço específico é a simples possibilidade de haver *arte* na escola, com ou sem esses espaços, pois as habilidades artísticas transcendem determinações espaciais. Não basta que o aluno aprenda a ouvir música, é preciso praticá-la. O mesmo vale para outras modalidades, onde se conclui acerca da importância de que a escola reserve espaços específicos para a manipulação e aprendizagem de materiais, instrumentos e técnicas concernentes a algumas das linguagens eleitas para serem trabalhadas.

Uma pesquisa de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), no ano de 2020, intitulada “Quem quer fazer arte? – Pelos *playgrounds* das salas de aula”, pôde observar, mediante o engajamento aprofundado no chamado “estudo de pessoas em situações-limite”, por meio da “afetividade e da escuta das minorias em situação problemática” (BARBIER, p. 73), docentes

condutores do componente curricular Arte em três destes “problemas”. Para esta pesquisa, a ausência do espaço caracteriza um desses problemas. Retomamos aqui alguns fragmentos daquelas exposições, porque, ainda para o pesquisador, é preciso “atribuir um sentido aos dados coletados”. (BARBIER, p. 125)

Como eu gosto de aula prática, sofro muito com isso. Arte é experimentação também. Falamos muito de pesquisa. Por exemplo, uma aula de pintura, com tinta. Os alunos aprendem experimentando, não só visualizando, a gente não tem esse tempo hábil pra isso. – depoimento da Professora Botera*, (DUEK, 2020, p. 102)

Ao nos atentarmos para a fala docente “Arte é experimentação”, podemos nos remeter a Deleuze e ao também filósofo Guattari, em sua definição do ato de *pensar*. Tal como a arte, o pensamento também transita pela experimentação e, como tal, atribui-se às produções momentâneas que atingem o sublime, o apreciável e o novo. Ainda, se “os alunos aprendem experimentando, não só visualizando”, é na *contemplação* que adquirimos hábitos, inclusive o da experimentação enquanto tal, até para retornarmos a determinadas criações já concretizadas. Para os filósofos, “o hábito é criador” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, pp. 137, 143).

A ausência de ambientes que possibilitam “experimentos” corrobora este trecho ainda da fala docente: “*Como eu gosto de aula prática, sofro muito com isso.*” Por força de um notável paradoxo, essa ausência implica pedagogicamente práticas brilhantes, se admitirmos, com o professor de filosofia Franklin Leopoldo e Silva, que as aulas devem ser *interessantes* tanto para o docente quanto para o discente. Se não for, dificilmente captará a atenção do segundo. Nada pode ser burocrático na condução de uma aula. É preciso que haja empenho e entusiasmo. Segundo Leopoldo e Silva, “este é o segredo da alma, o entusiasmo.” (CORDEIRO, 2019, p. 77)

Seguimos com mais uma importante fala docente:

(...) Talvez sim, deveria ter pelo menos duas horas, duas aulas, e

mais que o tempo uma questão de espaço também. O espaço pesa mais até que o tempo. O espaço da sala. Isso ajudaria muito a aproveitar o tempo também. – Depoimento do Professor Jean* (DUEK, 2020, p. 102)

Embora esta pesquisa trate especificamente do “espaço”, chama a nossa atenção o seguinte: “(...) *deveria ter pelo menos duas horas, duas aulas (...)*”, o que nos faz acreditar que o docente, ao externar a urgente necessidade de uma maior comunicação com o discente, já que comunicação é interação e, supomos, campo fértil e propício para que novas atualizações se tornem possíveis. Aqui ao observarmos o tempo irrisório, fica clara a então a necessidade pontuada por ele, até porque corpos, para Deleuze e Guattari, são novas atualizações. Sobre interações sabemos delas afecções, ou seja, potência em maior ou menor grau em contato direto com outros corpos. Não há qualquer traço de passividade, porque estes mesmos corpos são “tomados”; instigados por outros corpos, elucidando assim, a percepção.

É dessa ausência da percepção que, em grande medida, trata o docente que ministra as aulas de Arte na escola pública (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 213).

“E mais que o tempo, uma questão de espaço também. O espaço pesa mais até que o tempo. O espaço da sala. Isso ajudaria muito a aproveitar o tempo também.” Relativamente ao espaço, esta fala docente nos incitou a evocar Deleuze:

Só Dioniso, o artista criador, atinge a potência das metamorfoses que o faz devir, dando testemunho de uma vida que jorra; ele eleva a potência do falso a um grau que se efetua não mais na forma, porém na transformação — “virtude que dá”, ou criação de possibilidades de vida: transmutação. A vontade de potência é como a energia; chama-se nobre aquela que é apta a transformar-se. São vis, ou baixos, aqueles que só sabem disfarçar-se, travestir-se, isto é, tomar uma forma e manter-se numa forma sempre a mesma. (DELEUZE, 1996, p. 121).

Ora, a constante resistência a possibilitar novos espaços pode dificultar, de

forma nefasta, práticas consistentes que permitiriam inclusive interações importantes entre discente e docente, além do crucial e almejado entrosamento discente-discente. Ademais, acreditar que é possível organizar um espaço para determinadas práticas que não fazem parte do âmbito teórico, requer um tempo maior que o componente curricular não permite. Ademais, nem gestores, nem chefias pouco sensibilizadas estão cientes da real necessidade da transformação, das possibilidades de um novo território, pautado pelo exercício de uma criatividade pouco ou nada burocrática.

A fala docente que segue apresenta importante reflexão:

É muito triste, porque Arte é disciplina na escola e aí a gente pensa até na questão da estrutura física, do espaço. A cidade teve uma oportunidade incrível, mas construiu as escolas erradas. Você não tem uma área verde, você não tem uma sala de teatro, espaço para o aluno circular, né? Eu estou em uma escola que eu tenho sorte de ter um auditório. Eu uso, passo jogos teatrais da Viola Spolin, então eu acabo fazendo umas dinâmicas, mas é um curto período mesmo, mas até a questão de espaço, por exemplo, você quer trabalhar dança como você vai fazer? Vai tirar as cadeiras e mesas da sala pra poder dançar. “ah, mas você pode dançar no corredor!”, mas está tendo aula, você vai atrapalhar os colegas.

Então você está sempre preso, então acho que essa fala dela, eu acho que bate bastante na questão do espaço físico. É uma realidade o espaço físico, a estrutura física das escolas. É uma realidade talvez do Brasil.

São pouquíssimas escolas que tem um espaço bom, mas eu digo que a cidade teve a oportunidade de construir né? E você tem escolas aqui que são... Parecem cárceres, parecem prisões, elas são muito fechadas, você não tem um espaço aberto, um espaço de circulação, você não tem um espaço pra dizer assim: olha eu vou dar dança. Posso usar a quadra? Não tá funcionando educação física no contra turno, e isso faz com que você fique preso na sala de aula realmente. Agora eu estou tendo a experiência de ter uma sala com auditório, já melhora bastante, mas eu falo, puxa isso podia ser planejado quando as escolas foram construídas, de ter até uma área verde mesmo né? É tudo ladrilhado, encerado, polido e aí você... Dá até medo né? Depoimento da Professora Pina Bausch*, (DUEK, 2020, p. 100)

Estar “preso” a um espaço amontado de mesas e cadeiras, com a aterrorizante e ansiosa preocupação de não “atrapalhar” a aula posterior do professor, que muitas vezes é avesso à arte, possivelmente causará alguma considerável interferência naqueles corpos em constante movimento, instigados a cada prática artística. Tomarão eles os corredores da escola? E os barulhos? Os ruídos? E as outras aulas? Como reagirão os demais componentes do corpo docente da unidade escolar? Ora, obviamente as quadras esportivas estão ocupadas com as aulas de Educação Física, nada mais justo. É preciso dançar! Dançar, como sugere a quarta dimensão do conhecimento em Arte pela BNCC (2018, p. 58), a Expressão,

[...] refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

Dança é intensidade, potência e velocidade. Escutemos Deleuze e dancemos com ele:

(...) Quando Fred Astaire dança uma valsa não é 1, 2, 3, é infinitamente mais minucioso. O tam-tam não é 1, 2. Quando os negros dançam não é que estejam tomados em um ritmo demoníaco, é que ouvem e executam todas as notas, todos os tempos, todos os tons, todas as alturas, todas as intensidades, todos os intervalos. Nunca é 1, 2, nem 1, 2, 3, é 7, 10, 14 ou 28 tempos primeiros como em uma música turca.” (DELEUZE, 1998, p. 28).

CAPÍTULO III – A SALA AMBIENTE

3.1 A escassez das Salas Ambiente de Arte

Figura 6 – *Workshop* de Teatro realizado pelo pesquisador em escola onde não há espaço designado para Arte. A ação aconteceu na quadra de esportes e em dia considerado não letivo.



Fonte: acervo do autor

Trabalhei em uma escola aqui que tinha as salas ambientes, então eu já não me deslocava tanto, aluno que se deslocava. Melhorava um pouco, porque assim, de todo o modo ela tinha as mesas e as cadeiras e não dava pra mexer muito, mas eu conseguia pelo menos reorganizar o espaço, conseguia expor algumas coisas, porque arte também é muito visual, então você tem que ter essas provocações, elas são visuais, você pode colocar uma pintura, a reprodução de uma pintura na parede com a frase de algum artista pra fazer a criança reagir a aquilo. E aí esse espaço, nessa escola eu tive a sorte de trabalhar nessa escola também e tive a sorte de ter essa experiência, de ter uma sala ambiente e poder reorganizar. (Depoimento da Professora Botera*, (DUEK, 2020, p. 100)

O primeiro dos oito princípios da arte que a criança necessita, segundo o estudo *Defining quality in visual art education for young children: Building on the position statement of the Early Childhood Art Educators* [Definindo qualidade em educação de arte visual para crianças: baseado na declaração de posição dos educadores artísticos da primeira infância], de McClure, Tarr, Thompson e Eckhoff (2017), diz respeito a:

1 - Um ambiente organizado, rico em materiais que a convide a descobrir, interagir, explorando-o sensorial e cineticamente, perguntando, se surpreendendo e estimulando sua imaginação.

Assim, ao pensarmos na estrutura física de uma unidade escolar e de como ela deve contribuir com a formação discente, uma sala ambiente para práticas artísticas requer observação cuidadosa, sensível e estética. Trata-se de uma ambientação que requer infindáveis estímulos, que seja obrigatoriamente influenciável, que aguce a criatividade, que provoque sensações e contemple todas as possibilidades interativas.

Para Luiz Carlos de Menezes, o trabalho coletivo e criativo não deve se restringir apenas ao ensino da arte. Ao comparar a escola da sociedade industrial a uma indústria com sua linha de montagem, o professor alerta sobre a diversidade discente: “Você põe quarenta perfilados numa sala e é mais barato, como numa linha de montagem, você faz uma linha de montagem, você quer que todos os televisores sejam, cento e cinquenta, não sei quanto, iguaizinhos!” (PUIG, 2020).

Atentemo-nos ao pensamento do poeta Marco Lucchesi (BAPTISTA, 2022, p. 24), quando aborda a liberdade da linguagem e recomenda que não fechemos os olhos para o caos que nos rodeia, bem como ao pensamento de Heráclito de Éfeso: “o mundo mais belo é como um monte de entulho atirado em confusão”, que postula o movimento e a mudança como únicas realidades. Ora, não há dúvida de que haverá desordem na ordem pré-estabelecida, nas mesas e cadeiras posicionadas de forma tradicional, sem a preocupação de organizá-las para a aula seguinte. Tomamos aqui uma passagem de Deleuze e Guattari:

A arte traça planos sobre o caos. Ela quer que rasguemos o firmamento e mergulhemos no caos. Artistas parecem sempre vindos do país dos mortos. Eles trazem do caos variedades, mas erigem um ser do sensível, um ser de sensação. A arte luta efetivamente contra o caos, mas para fazer surgir nela uma visão que o ilumina por um instante, uma Sensação.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 262)

Este componente curricular tão específico, do qual tratamos, é pouco ou quase nada discutido no que concerne ao seu desenvolvimento e organização espacial, porque foge do que é puramente racional e técnico e busca inegáveis interferências, experimentações das mais variadas. Como num quadro de Bacon: “Um quadro de Bacon diz respeito à sensação” (MACHADO, 2009, p. 116). *Sensações...* Tomemos como exemplo o bailarino russo Rudolf Nureyev e seu processo de criação artística. Nureyev visitava museus e observava obras de arte incansavelmente. Tocava as esculturas, atentava-se à anatomia e à linguagem corporal. É preciso concordar com seu pensamento de que, se não houvesse uma história para contar, ele jamais teria como dançar.

Reflexões acerca do ensino, da importância e da presença da arte muito facilitaria seu registro definitivo na escola, inclusive se iniciarmos a discussão já retificando a ideia de que, em escolas onde nem todas as salas são “ambiente”, ao torná-la uma delas uma “Sala Ambiente de Arte”, não se “perde” uma sala: *não há perdas!* Ora, antes de mais nada, a educação peca por não arriscar e por impedir reviravoltas consistentes, como propõe Guattari:

Os lapsos, os atos falhos, os sintomas são como pássaros que batem com o bico na janela. Não se trata de interpretá-los. Trata-se antes de detectar para ver se podem servir de indicadores de novos universos de referência suscetíveis de adquirirem uma consistência suficiente para revirar uma situação. (GUATTARI, 1997, pp. 75-76).

A incorporação de práticas como esta à chamada Escola Experimental, que revolucionou o currículo na década de 60, em Brasília, é inevitável. O artista plástico Cildo Meireles (nascido em 1948), que lá estudou, e que recentemente ganhou o maior prêmio de arte da Europa, o Roswitha Haftmann, em depoimento ao livro *O*

Valor da Arte (2014), lembra que aquela estrutura de ensino priorizava a criatividade e as aptidões pessoais, sem seguir uma rigidez curricular (QUEMIN, 2014, p. 105).

A permissão para criação e envolvimento permanente com fazeres artísticos valida todas e quaisquer experiências pedagógicas em espaço predisposto. Porém, segundo o estudo “Dificuldades para o ensino de artes: o que dizem os professores”, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, “a ausência de local específico, como uma sala de artes, para o desenvolvimento do trabalho pedagógico”, foi um dos pontos mais problemáticos observados pelos pesquisadores.

O pesquisador René Barbier nos lembra que a pesquisa “não convém nem aos mornos, nem aos aloprados”. Não há preguiça que impeça esta ação além da possibilidade de se correr riscos pessoais. Riscos estes por vasculhar escombros, regiões subjetivas e particulares que por muitas vezes não houvesse desejo em reconhecê-las (BARBIER, 2007, p. 33).

Lembremos Deleuze, em *Crítica e Clínica* (1993), ao citar Proust: “O verdadeiro sonhador é o que vai verificar alguma coisa...” (DELEUZE, 1996, p. 100). Com isso, o objetivo primeiro da pesquisa era acompanhar o desenvolvimento pedagógico de uma *Sala Ambiente de Arte* no Ensino Médio e sua dupla contribuição: *discente-docente*. Desde comparar práticas artísticas em território nacional com escolas públicas norte-americanas, mais especificamente em Nova York, por meio da *High School For Environmental Studies*, o que foi descartado por inúmeras situações, até resgatar memórias pessoais em unidades escolares que fizeram parte da construção acadêmica do pesquisador.

Assim, em contato virtual e telefônico, realizado no mês de junho do ano pandêmico de 2021, com a DRE (Diretoria Regional de Ensino) Jaçanã/Tremembé, do Estado de São Paulo, percebemos que a situação corrobora o cenário deste estado da federação quando a supervisão informa que não há mais *Salas Ambientes de Arte* nas escolas estaduais. Já eram escassas, e não há confirmação, na Região Norte 2, de nenhuma delas em atividade para fins de pesquisa de campo.

Em agosto do mesmo ano, após contato com a Diretoria de Ensino da cidade

de São Vicente, esta DRE nos solicitou que entrássemos em contato com cinco unidades escolares de três diferentes cidades da Baixada Santista: São Vicente, Praia Grande e Itanhaém. A Escola Estadual Dr. Abrahão Jacob Lafer, situada à rua Leme, nº 9562, bairro Guilhermina, na cidade de Praia Grande, é uma das unidades de Ensino Médio que construiu seu espaço por meio de *salas ambiente*. Esta unidade escolar possui, além da Sala de Arte (que, em uma de suas imensas paredes, ostenta uma réplica de “A Noite Estrelada”, de Van Gogh, e armários que reproduzem as telas modernistas de Piet Mondrian), um anfiteatro e uma sala com recursos audiovisuais (dedicada também à arte com foco no cinema).

Figura 7 – Ambientação da E.E. Abrahão Jacob Lafer



Fonte: acervo do autor

Figura 8 – Ambientação da E.E. Abrahão Jacob Lafer



Fonte: acervo do autor

Figura 9 – Ambientação da E.E. Abrahão Jacob Lafer



Fonte: acervo do autor

Todavia fosse aquela unidade escolar campo fértil e propício, a pesquisa foi realizada em outro espaço, em outra ambientação, que nos proporcionou tanto a construção conjunta como a observação das práticas artísticas *in loco*.

Ao pensarmos em diálogo com Barbier, a *participação coletiva* é parte fundamental na pesquisa-ação, já que passamos a fazer parte integrante dela, além da necessidade de nos envolvermos, enquanto pesquisadores, como “actantes”, para que haja sentido e intencionalidade. (BARBIER, 2007, p. 71).

3.2 Chão da escola: espaços propícios contemporâneos

Figura 10 – Planejamento de Salas Ambiente



Fonte: acervo do autor

Fabietto - Agora que minha família se desintegrou, não gosto mais da vida, não gosto mais. Quero uma vida imaginária, como a que tinha antes. Não gosto mais da realidade. A realidade é terrível. Por isso quero fazer filmes, mesmo que só tenha visto três ou quatro.

Antonio - Não basta. Não é suficiente! Filmes! Filmes! Todos querem fazer filmes! Para fazer filmes é preciso ter coragem. Você tem? Duvido muito! Precisa de dor. Entendeu?

Fabietto - Sim.

Antonio - Não, você não tem dor. Tem esperança! Esperança de fazer filmes consoladores. A esperança é uma armadilha.

Fabietto - Me deixaram sozinho... Isso é dor!

Antonio - Não é o suficiente. Todos estamos sozinhos. Está sozinho? Não me importo, pois você não é original. Esqueça a dor e pense em diversão. É assim que fará filmes, mas você tem que dizer algo. Tem algo a dizer? Fantasia e criatividade são mitos que não servem para nada.

Fabietto - Não sei se tenho algo a dizer. Como vou saber?

Antonio - Tem uma história pra contar? Tenha coragem! Vamos! Ache coragem! Vamos!

Fabietto - Sim!

Antonio - Então desembucha!

Diálogo extraído do filme *È stata la mano di Dio* [Foi a mão de Deus], de Paolo Sorrentino (2012).

De acordo com o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, curiosamente revisado por Manuel Bandeira e publicado em 1957, temos a seguinte definição para a palavra “Sala”:

Um dos principais, ou o principal dos compartimentos de uma casa e ordinariamente destinado à recepção de visitas; qualquer compartimento, mais ou menos amplo, de um edifício. (FERREIRA, 1957, p. 1092)

Para a palavra “Ambiente”, propõe:

Que está ou anda à roda de alguma coisa ou pessoa; o ar que se respira e que nos cerca; roda, esfera em que vivemos. (FERREIRA, 1957, p. 67)

E ainda para “Teatro”, finaliza assim sua definição:

(...) lugar onde se realiza algum acontecimento memorável. (FERREIRA, 1957, p. 1176)

Partindo das devidas definições, a Sala Ambiente propõe-se a receber e – ao tratarmos de arte – incentivar “as visitas” a respirarem o ar que dela emana e vivenciarem o que ela possa proporcionar. Indo além, fazer dela um espaço que possibilite os mais notáveis e significativos acontecimentos, nesta proposição para os discentes que dela fazem parte. É em diálogo com Deleuze que entendemos ser a arte resultado de uma *trajetória*, sendo construída por meio de devires e diferentes percursos. (DELEUZE, 1996, p. 78)

A Escola Municipal João Gonçalves foi inaugurada no mês de janeiro de 2017, na cidade de Praia Grande. Localizada no bairro Aviação, funciona entre 7h e 17h e atende o Ensino Fundamental II, o que abrange o 6º, 7º, 8º e 9º ano. No período da manhã, atende os 8º anos (240 alunos) e 9º anos (240 alunos), e no período da tarde, os 6º anos (230 alunos) e 7º anos (240 alunos). Duas professoras de Arte atendem aproximadamente 950 discentes. Até o ano de 2021, a escola funcionava de forma tradicional com cada uma das vinte e duas salas de aula pertencentes a uma turma, e não a um componente curricular, para então denominá-la “sala ambiente”, o que acontecerá no início do ano de 2022, por decisão da gestão da unidade escolar.

Retomemos Barbier, quando, em uma de suas citações, pontua que a não-transformação jamais pode estar associada ao ser humano. Para libertar-se de um ciclo que se repete, ou seja, de um estado reprimido ou oprimido, só a mudança é ação significativa. Para o pesquisador, “os seres humanos são sistemas em permanente transformação.” (BARBIER, 2007, p. 48) Ora, na ausência da chamada “implicação” do pesquisador, termo utilizado por ele, pouco se saberá do campo onde se está inserido, além do que aquele espaço deseja e quais interesses cabem a ele.

Em pesquisa realizada com os docentes naquele ano, 50% já havia tido pouca ou alguma experiência significativa com Salas Ambiente; os outros 50%, nenhuma. Em relação às expectativas, foram citados tópicos como acessibilidade de materiais para melhor manuseio, acolhimento, maior possibilidade de produção, diversidade no trabalho pedagógico, funcionabilidade espacial, ambiente

“provocativo” no auxílio ao despertar criativo, cooperação, autonomia e democracia partindo também dos discentes. Cumpre retornar a Deleuze e seu *labirinto*, que já não é arquitetônico, mas agora traz sonoridade, musicalidade:

Abandonada por Teseu, Ariadne sente que Dioniso se aproxima. Dioniso- ouro é a afirmação pura e múltipla, a verdadeira afirmação, a vontade afirmativa; ele nada carrega, não se encarrega de nada, mas alivia tudo o que vive. Sabe fazer aquilo que o homem superior não sabe: rir, brincar, dançar, isto é, afirmar (...). (DELEUZE, 1996, p. 121)

Ao nos reportamos desta vez às “Competências Específicas de Arte” e às “Dimensões do Conhecimento em Arte”, fundamentadas pela BNCC (2018), temos como objetivo justificá-las a algumas das práticas realizadas pela Sala Ambiente de Arte então edificada pela equipe escolar. Ao classificarmos os seres atuantes como “equipe”, incluímos aqui os gestores: a direção, a assistência de direção, a coordenação pedagógica e a pedagogia comunitária; o corpo docente: em nome da professora regente Selma Gonçalves, os agentes e trabalhadores daquela unidade que muito atuaram para que o espaço passasse a existir e, mais que isso, que pudesse ser um diferencial não apenas na comunidade onde está estabelecida, mas para a cidade onde está localizada. E, em especial, a contribuição significativa e massiva dos discentes, fator definitivo para que a Sala Ambiente de Arte obtivesse resultados mais que satisfatórios.

A Sala Ambiente de Arte, em sua disposição irregular, é avessa aos moldes tradicionais. Aqui, mais uma vez, tratamos do espaço físico e da possibilidade de práticas ousadas em comum acordo com a criatividade sem qualquer tipo de interrupção.

Partiremos da análise de uma escola de arte no século XV, sob a ótica de Gombrich, para então analisarmos algumas das práticas artísticas no século XXI:

A palavra ‘escola’ é algo desorientadora. Nesses tempos não existiam escolas de arte onde jovens estudantes frequentassem aulas. Se um rapaz decidisse que gostaria de ser pintor, o pai colocava-o como aprendiz desde muito cedo em casa de um dos

principais mestres da cidade. (...) Uma das suas principais tarefas podia ser a de triturar o material para a preparação de cores ou ajudar no apronto dos painéis de madeira ou telas que o mestre quisesse usar. Gradualmente, ser-lhe-ia confiada a execução de alguns trabalhos de escassa importância, como pintar um mastro de bandeira. Depois, num dia em que o mestre estivesse muito atarefado, ele pediria ao aprendiz para ajudá-lo no acabamento de alguma parte insignificante de uma obra importante — pintar o fundo que o mestre delineou previamente na tela, terminar as roupas dos circunstantes numa cena. Se o rapaz mostrava talento e sabia como imitar à perfeição a maneira de pintar do mestre, eram-lhe confiadas aos poucos tarefas mais importantes — talvez pintar um quadro inteiro a partir do esboço do mestre e com a supervisão deste. (GOMBRICH, 1985, p. 184)

Figura 11 – Discentes reproduzem obra do artista britânico Banksy



Figura 12 – O trabalho coletivo reveste a porta de entrada da Sala Ambiente de Arte.



Fontes: acervo do autor

As figuras 11 e 12 retratam discentes desenvolvendo um trabalho de artes plásticas, reproduzindo uma tela do pintor britânico Banksy, nome importante no mundo da arte de rua (*street art*), além de ativista político e diretor de cinema. Acreditamos que a análise de sua obra possibilita inúmeras reflexões acerca da arte e da contemporaneidade. Após a reprodução (desenho), os mesmos discentes são levados às técnicas de pintura em tecido. Esse trabalho foi produzido com o objetivo de revestir a porta de entrada da Sala Ambiente de Arte.

Nesta ação, ao tratarmos das “Dimensões” (BNCC, 2018), pontuamos:

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e

coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

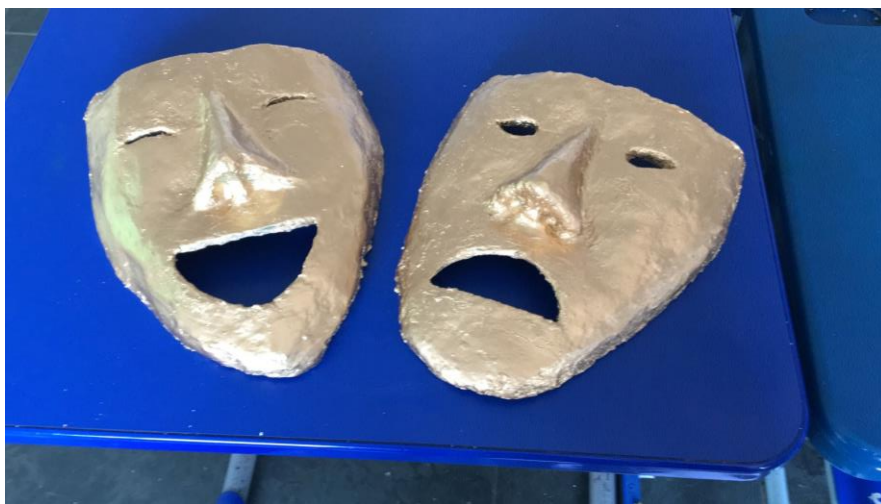
Das Competências Específicas de Arte (BNCC, 2018), são elas:
pontuamos:

7 – Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figuras 13, 14 e 15 – As máscaras do Teatro (Tragédia e Comédia) confeccionadas pelos discentes para ambientação da sala.





Fonte: acervo do autor

As figuras 13, 14 e 15 registram discentes desenvolvendo duas peças em argila, reproduzindo máscaras que representam a tragédia e a comédia em referência às artes cênicas. O estudo do teatro e suas possibilidades, tanto imagéticas como expressivas e reflexivas, permite ao discentes o contato também com a literatura, a mitologia e as expressões corporal e vocal. Este trabalho também foi produzido com o objetivo de ambientar a Sala Ambiente de Arte.

Para este resultado, ao tratarmos das “Dimensões”, observamos:

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Sobre as Competências Específicas de Arte (BNCC, 2018):

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figura 16 Discentes confeccionam a letra “T” da palavra ARTE, obra que compõe a ambientação da sala. Figura 17 Aluna portadora de Deficiência Intelectual severa colaborando com a obra sugerida.



Fonte: acervo do autor

Já nas figuras 16 e 17, podemos observar os discentes em processo de construção de uma peça que sinaliza a palavra “ARTE” em letras maiúsculas. Ao fazer da arte palavra, foi possível suscitar infindáveis discussões além de promover, de forma pedagógica, sua impressão naquela unidade escolar. Produzido a partir do papelão, o trabalho coletivo também recorre ao componente curricular Matemática no auxílio às metragens e formas, para então retornar às plásticas.

A figura 17 nos apresenta, em plena atividade, uma discente portadora de Deficiência Intelectual (DI) severa, que mesmo com todas as suas dificuldades de relacionamento pessoal e pedagógico, seu nível acadêmico corresponde ao “Não Alfabetizado”, arrisca pinceladas e contribui de forma positiva para a o trabalho coletivo. Este trabalho preza pela ambientação da Sala Ambiente de Arte.

Contudo, podemos notar:

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Para esta ação, competem (BNCC, 2018):

4 – Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Figuras 18 e 19 – Docente orienta o trabalho de modelagem com argila na composição de máscaras.



Fonte: acervo do autor

Seguindo com as figuras 18 e 19, a docente não só direciona como realiza o trabalho de confecção de máscaras com os discentes. As esculturas são raramente trabalhadas nas aulas de arte. Tanto nas abordagens teóricas como nas práticas. Além de terapêuticas, como qualquer outro material que possa ser manuseado, como o barro, por exemplo. Possibilitar o contato com esta manifestação artística coloca o discente em situações pouco exploradas, que vai muito além dos castelos de areia.

Retomemos Gombrich quando trata da arte egípcia. Antes levados aos

sacrifícios quando um senhor morria, a arte tem o papel de socorrer aqueles servos, com as esculturas que passarão a representá-lo. "Aquele que mantém vivo" era uma expressão utilizada no Egito para denominar um escultor. (GOMBRICH, 1985, p. 33)

De específica competência:

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. (BNCC, 2018)

Figuras 20 e 21 – Discentes utilizam a técnica de pintura sobre argila em máscaras de temática africana por eles confeccionadas.



Fonte: acervo do autor

As figuras 20 e 21 são sequências do trabalho realizado anteriormente. Nestas ações, os discentes revestem o trabalho das máscaras feitas com argila, aqui realizadas por outras turmas e em outros formatos, tendo como foco a temática africana. Não apenas em cumprimento à Lei nº 11.645, que passou a “obrigar” o estudo da história e cultura africana e dos povos originários, mas porque a arte possibilita toda e qualquer manifestação, seja ela também a eurocêntrica. Este tipo de abordagem permite a interdisciplinaridade, em especial com os componentes curriculares História, Geografia e Língua Portuguesa.

Sobre as Competências Específicas de Arte (BNCC, 2018):

1 – Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

3 – Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Na sequência, a figura 22 nos interessa duplamente. Há duas ações propostas pela docente, e percebemos ambas executadas. A fotografia no âmbito pedagógico aguça os sentidos, objetiva a autonomia e a criatividade discente. A docente sugeriu que discentes observassem o entorno, ao seu redor, o próprio ambiente escolar. Ora, é um importantíssimo estudo sobre o pertencimento. São dezoito fotografias que, em sua maioria, retratam imagens que compõem a própria Sala Ambiente de Arte. A segunda ação parte da seleção da revelação (em laboratório profissional), da seleção e organização de uma pequena exposição daqueles resultados para um outro público, que não o daqueles fotógrafos e organizadores.

Contudo, podemos notar:

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Sobre as Competências Específicas de Arte elencamos (BNCC, 2018):

4 – Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

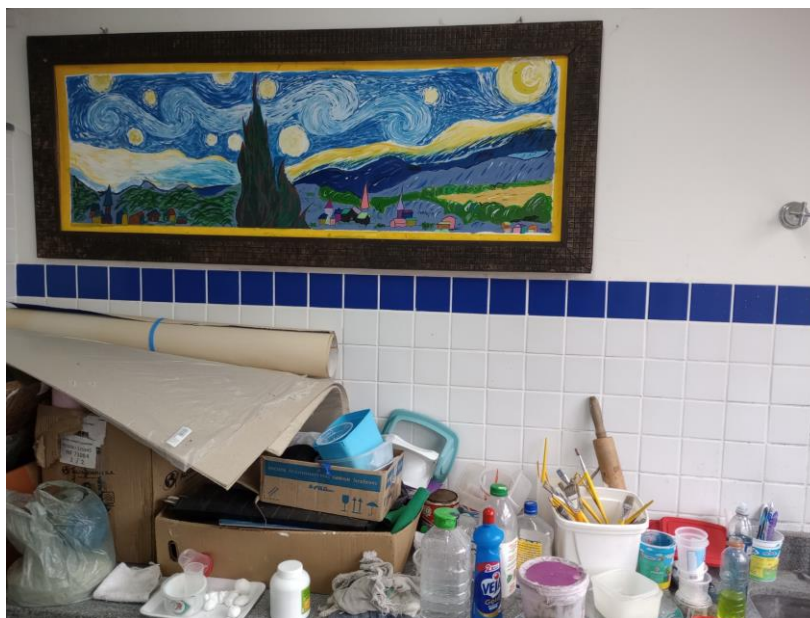
8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Figura 22– Exposição fotográfica com a temática sugerida pela docente “Pela escola...”
Figura 23 – Discente em processo de reprodução da obra “A Noite Estrelada”, de Van Gogh.



Fonte: acervo do autor

Figura 24 – Obra finalizada ambientando a sala, em meio ao “caos” de um ateliê.



Fonte: acervo do autor

Passemos para as figuras 23 e 24. Na primeira, o discente sobre tela, após desenho, utiliza tinta em reprodução da obra “A Noite Estrelada”, do pintor holandês Vincent Van Gogh. Ao oportunizar, além da abordagem teórica do movimento impressionista nas artes plásticas, por meio de um dos nomes mais importantes da história da arte ocidental, a docente ao perceber a afinidade ou até mesmo a disponibilidade do discente em arriscar-se na atividade, podemos celebrar mútuo engajamento pedagógico. Se pensarmos que foi proposto a ele, pintar como Van Gogh, estar na França, saber que sua obra está hoje no Museu de Arte Moderna em Nova York, a magia da arte está concretizada. A segunda foto eterniza a obra do discente e concluída faz parte da ambientação da Sala Ambiente de Arte. Em conjunto com os materiais que compõem o espaço, resumem satisfatoriamente o que acreditamos deveria ser uma sala possível para práticas artísticas significativas.

Assim, pontuamos:

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Sobre a Competências Específica de Arte (BNCC, 2018):

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figura 25 - Discente reproduz imagem observada de seu recurso tecnológico.



De acordo com a professora e pesquisadora Márcia Fusaro:

As novas tecnologias e linguagens, aliadas à educação tem função importante no sentido de alavancarem melhores resultados no aprendizado dos alunos e alunas, ao mesmo tempo em que estes se veem mais conectados à um ambiente virtual que já os atrai enormemente pelo uso constante das novas tecnologias. (FUSARO, 2019, p. 201)

Figura 26 – Discentes trabalham com madeira.



Fonte: acervo do autor

Partindo das figuras 25 e 26, a dualidade que um ateliê contemporâneo nos apresenta é grandiosa e interessantíssima. Na primeira o discente, sobre tela reproduz uma imagem observada de seu recurso tecnológico, um aparelho celular.

Há na Sala Ambiente de Arte um número bastante expressivo de livros de arte com diversas abordagens, desde a vida e obra dos artistas de maior ou menor importância, até sobre museus espalhados por todo o mundo e as obras de arte neles abrigadas. Talvez por opção pessoal, a imagem em questão era aquela. Na segunda, a própria vestimenta e o trabalho com a madeira nos remete a tempos remotos, como artesãos em seus ateliês.

Pudemos relacionar as seguintes Competências Específica de Arte (BNCC, 2018):

5 – Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Figura 27 – Discentes do gênero feminino apresentam produção coletiva.



Fonte: acervo do autor

A figura 27 é bastante significativa, e fala por si só, tanto pelos símbolos em destaque como pela presença feminina massiva e as expressões corporais que as discentes exibem para a docente-fotógrafa.

Esta ação foi proposta para discentes do gênero feminino na semana em que se comemorava o Dia Internacional na Mulher. Era um painel onde, além dos pictogramas, havia os contornos de uma face feminina. O objetivo do trabalho era fazer com que as discentes preenchessem o vazio daquele rosto com nomes significativos da cultura e da história construída por mulheres. Do universo adolescente, foram lembradas as cantoras Ariana Grande, Negra Li e Taylor Swift, passando pelas artistas plásticas Beatriz Milhazes, Berthe Morisot, Frida Kahlo, Ligia Clark e Tarsila do Amaral, cantoras de gerações anteriores como Elis Regina e Elza Soares, a apresentadora Hebe Camargo, as escritoras Clarice Lispector e Pagu, a atriz Marilyn Monroe e... Maria Bonita.

Pudemos pontuar as seguintes Competências Específica de Arte (BNCC, 2018):

7 – Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

E no âmbito das “Dimensões, observamos:

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e

coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Estesia: experiência sensível em relação ao espaço, tempo, som, ação, imagens, próprio corpo e diferentes materiais.

Figuras 28– Discente reproduz em aquarela obra de Modigliani



Figura 29– Discente reproduz em aquarela obra de Van Gogh



Fonte: acervo do autor

As figuras 28 e 29 finalizam algumas das ações realizadas na Sala Ambiente de Arte. A primeira nos faz atentar para mais uma produção plástica, utilizando a aquarela. Após desenho sobre a placa de madeira, a discente reproduz uma obra do desenhista, pintor e escultor italiano Amedeo Modigliani (1884-1920).

Será de seu conhecimento que há seis telas deste artista, que foi considerado um dos maiores do século XX, no acervo do MASP? Muito provavelmente. A segunda imagem oportuniza a discente a reproduzir uma das obras mais famosas de Van Gogh, "O Quarto em Arles". É a mesma experiência oferecida ao discente que reproduziu "A Noite Estrelada", mas acima de tudo, permitir-se estar na arte, fazer arte em um ambiente propício e convidativo para que ela aconteça. Em uma Sala Ambiente de Arte!

Competência Específica de Arte (BNCC, 2018):

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Acerca das "Dimensões, são elas:

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

É Gombrich quem nos alerta sobre a importância que o ensino de arte adquire no início deste século XX. Os docentes passam a descobrir infinitas possibilidades oriundas dos discentes, deixando para trás métodos conservadores sem qualquer expressividade. Optaram pela liberdade no processo de desenvolvimento artístico, em suas práticas, objetivando inclusive aptidão para apreciar arte. Segundo o historiador, foi um ideal de "autoexpressão". (GOMBRICH,

1985, p. 487)

Figura 30 – Com apresentação de Rap e Hip Hop, discente é uma das atrações do “Projeto Literário Página a Página” apresentado no teatro da cidade, o Palácio das Artes.



Fonte: acervo do autor

Figura 31 – Discente é uma das atrações do “Projeto Literário Página a Página”, em atuação cômica.



Fonte: acervo do autor

As figuras 30 e 31 privilegiam, ainda no âmbito das “Dimensões do Conhecimento em Arte” a Expressão. Devemos atribuir também às práticas artísticas realizadas na unidade escolar a desenvoltura, a improvisação e a disponibilidade cênica dos discentes. Estes registros apresentam ações externas realizadas para o “Projeto Literário Página a Página”. Música, poesia e teatro foram as manifestações artísticas apresentadas neste evento em teatro local.

São estas as Competências Específica de Arte (BNCC, 2018):

4 – Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

7 – Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

Figuras 32 e 33 – Discentes em visita à Japan House



Figura 34 – Discentes em visita ao Museu de Arte Sacra



Figura 35 – Discentes em visita ao Museu da Língua Portuguesa.



Fonte: acervo do autor

Acreditamos que para fomentar um espaço onde práticas artísticas acontecem, a troca de experiências é inevitável. E mais que isto, existe a obrigatoriedade de refletir sobre ela por meio de vivências concretas. Apenas para relembrarmos, a “Reflexão”, (BNCC, 2018), propõe a atitude de perceber analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor. Este leitor, entendemos como o discente-Ariadne que dá a mão a Dioniso e por um momento abandona o labirinto, para tempos depois retornar musicalizado, instrumentalizado, poetizado, estimulado, para além do humanizado. Ouçamos por fim, DELEUZE & GUATTARI:

A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 213)

São frequentes os passeios proporcionados aos discentes nesta unidade escolar. Localizada na Baixada Santista, pouco conhecem a capital ou a visitam com frequência, em especial com o intuito de visitar museus ou programas relacionados às artes. Com isso a gestão escolar, juntamente com a coordenação pedagógica e os docentes responsáveis do componente curricular Arte, buscam estimular também nos demais integrantes do corpo docente estas experiências e rupturas além muros da escola. Com isso já marcaram presença (como ilustram as figuras 32, 33, 34 e 35) no Museu da Imagem e do Som (MIS), no Museu de Arte Sacra, no Museu da Língua Portuguesa, no *Japan House*, na OCA e na 22ª Bienal do Livro. A próxima visitação será à 35ª Bienal da Arte. Inevitavelmente, a arte tem lá seu favoritismo! Ouçamos Haddad Baptista atentamente: “A arte caminha sempre à frente” (BAPTISTA, 2016, p. 13).

Sobre as Competências Específica de Arte (BNCC, 2018):

1 – Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

3 – Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

4 – Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figura 36 – Docente responsável pelo componente curricular Arte, caracterizada para a Festa Junina da Unidade Escolar conduzindo as apresentações de dança.



Fonte: acervo do autor

A figura 36 retrata expressiva ação na unidade escolar em que a comunidade, tratamos aqui de pais, mães e responsáveis pelos discentes participam ativamente de evento realizado neste ambiente em dia não letivo.

A docente, aqui caracterizada como uma figura masculina, comanda uma das coreografias por ela ensaiada. Tratamos aqui de importante manifestação artística, a dança. Passamos para a música, seguida de outra importante manifestação, a moda. A participação do componente curricular arte poderia limitar-se apenas à produção de bandeirinhas em reprodução às obras de Alfredo Volpi, o que é um clichê na educação brasileira, mas as práticas artísticas quando muito bem fundamentadas e objetivadas ultrapassam limites e fogem aos estereótipos.

Competências Específica de Arte contempladas (BNCC, 2018):

1 – Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

3 – Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

4 – Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figuras 37, 38, 39 – Discentes executam trabalhos manuais que possibilitam a interdisciplinaridade.



Fonte: acervo do autor

Por fim, as figuras 37, 38 e 39 apontam mais uma vez para a *interdisciplinaridade* que a Arte permite, como ação eficaz e sobretudo necessária nas práticas pedagógicas. Ao justapor o componente curricular História, temas como as culturas afro-brasileira e africana emergem e atingem relevante potência, independente da obrigatoriedade de abordá-la, inclusive por lei. São vinte anos da Lei 10.639, que oficializa estas práticas e a sua inserção no currículo escolar. Já esta ação interdisciplinar, que possibilitou também a reflexão, estava inserida em um contexto de denúncia, o *feminicídio*, haja vista dados recentes divulgados pela Anistia Internacional: 62% das vítimas brasileiras no ano de 2022 eram *negras*. Para Dewey, “toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive”. (DEWEY, 2010, p. 122)

Nesta prática privilegiam-se as seguintes “Dimensões”:

Criação: fazer artístico que dá materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos ou que gera processos, acontecimentos e produções artísticas.

Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individuais e coletivos.

Fruição: deleite, prazer, estranhamento e abertura para se sensibilizar durante práticas artísticas e culturais.

Reflexão: atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador ou leitor.

Já das “Competências Específicas de Arte”, podemos pontuar:

1 – Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

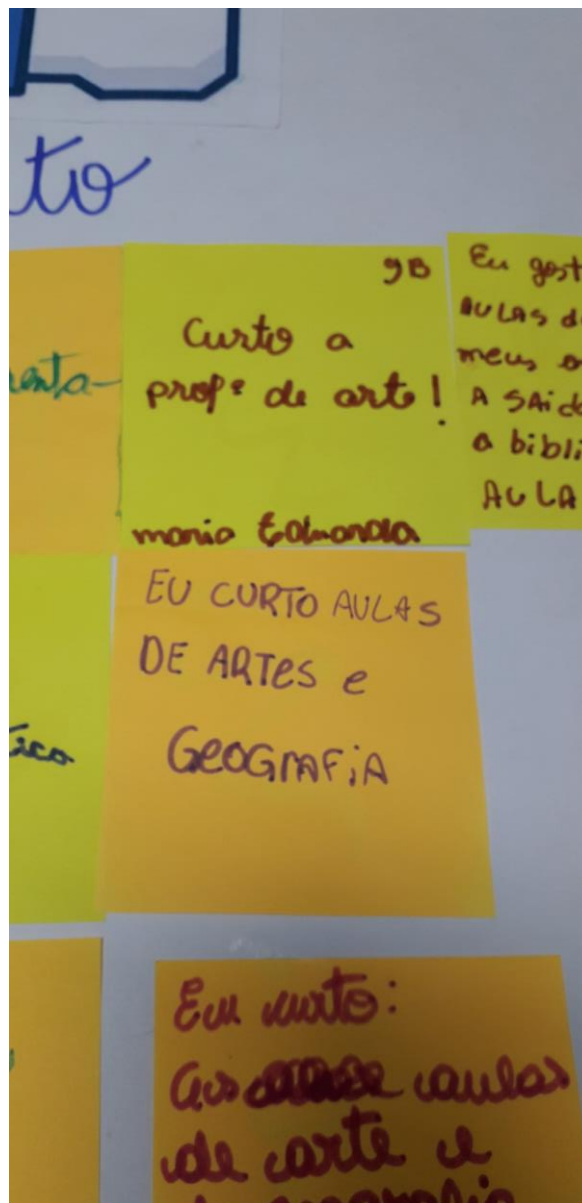
3 – Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

7 – Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9 – Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Figura 40 – Dinâmica realizada com os discentes pelos “Círculos da Justiça Restaurativa”.



Fonte: acervo do autor

Ainda no ano de 2022, com a parceria da Pedagogia Comunitária, uma ação relevante, denominada “Círculos da Justiça Restaurativa”, aconteceu na Escola Municipal João Gonçalves, com os alunos dos 8º e 9º anos. Também chamada de “Cultura da Paz”, buscava-se a redução da violência em suas diferentes formas (física e verbal), da depredação do espaço físico e da falta de comprometimento acadêmico e relações familiares pós-pandemia.

Reuniram-se discentes e docentes da Unidade Escolar com objetivo de refletirem acerca do papel fundamental da Educação, da relação entre os discentes, da necessidade da escuta, da troca, das dificuldades e da necessidade da convivência em grupos, das possibilidades de mudanças pessoais e também no âmbito acadêmico.

A palavra é dada ao discente que, propositalmente, reflete sobre suas ações, que assim sabemos altera todo o ambiente. Lembremos Deleuze: “É sempre um corpo que faz sombra a um outro corpo. Por isso conhecemos os corpos pela sombra que fazem sobre nós, e é por nossa sombra que nos conhecemos, a nós mesmos e ao nosso corpo” (DELEUZE, 1996, p. 159). Por conseguinte, uma das reflexões propostas nesta ação foi certamente sobre a Escola, e, como resultado, obteve-se desde banalidades características da adolescência, como “pouco tempo no intervalo”, “preço da cantina”, “qualidade do suco”, “excesso de coisas”, “aglomeração nas escadas” e “não fazer lição”, até a condução de determinada aula dada por professor X ou Y.

Por outro lado, as aulas de Arte e as práticas artísticas na Sala Ambiente de Arte fizeram também parte desta reflexão de maneira positiva e endossam a importância do espaço enquanto agente transformador e potente. Em uma das dinâmicas que acompanhavam a reflexão, apresentava-se ao aluno cartazes intitulados “Eu compartilho”, o que resultou em vinte cartazes analisados e citações como: “Sala Ambiente”, “Aula de Arte”, “Mais aulas de Arte”, “Não curto só uma aula de Arte” e “Eu curto a professora de Arte”. Faz-se oportuna a proposição do professor Alcir Pécora, de que “uma aula necessariamente implica o esforço de construção de um diálogo efetivo” (PÉCORA, 2019, p. 35).

Corroborando com a ação estabelecida, a abordagem da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para o ensino da Arte nas escolas e as relações interpessoais assim dispõe:

As práticas artísticas proporcionam aos estudantes uma oportunidade construtiva de refletir e expressar emoções e visões pessoais de mundo. Em tempos de crise, essas experiências são particularmente úteis para lidar com a ansiedade e com os medos, curar os traumas e lidar com as perdas. Desenvolver a própria criatividade e aprender a respeitar a dos outros também podem ser meios de construir pontes entre indivíduos e comunidades que estão enfrentando conflitos. São ações que alimentam a resiliência e fornecem um recurso poderoso para encontrar soluções para os desafios diários e para imaginar um futuro mais esperançoso e positivo. (UNESCO, 2020)

Podemos assim observar presença massiva na colocação discente, ratificando a proposta da Unidade Escolar por meio do gráfico que segue:

Figura 41 – Dinâmica realizada com os discentes pelos “Círculos da Justiça Restaurativa”.



Fonte: acervo do autor

3.3. Resultados positivos

Um amigo dá aula assim: chega na sala de aula e coloca um clipe, assim que entra. É um clipe de música popular, brasileira ou estrangeira, que tem alguma ligação com o tema da aula. Enquanto os alunos se sentam, já está passando o clipe. E eles muitas vezes o conhecem. Ele conquista a atenção imediatamente. Em dois minutos, estão todos em ponto de bala, assanhados para saber que conexão a música tem com a aula. Ele conseguiu fazer um uso muito bom do conteúdo gravado. Isso é difícil, mas é genial. (CORDEIRO, p. 185)

Ao finalizarmos esta pesquisa com uma importante e personalíssima síntese, que dialoga com muitas vozes docentes, retomamos aqui, de todo o percurso até então seguido, a Barbier, ao propormos tão significativa e potente *escuta*, que nos deu a possibilidade de oportunizá-la à docente, parte fundamental na concretização daquele espaço. Para o também pesquisador: “antes de situar uma pessoa no seu ‘lugar’, comecemos por reconhecê-la em seu ser, na sua qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora” (BARBIER, p. 96). Este depoimento foi colhido um ano e seis meses depois da efetiva decisão de abandonar as salas tradicionais, optando então pela Sala Ambiente de Arte.

Quando passo a ter uma escola com sala ambiente muda tudo. A troca de sala, por exemplo, era muito desgastante, muito penosa e não só ela, a troca das turmas também. Organizar o conteúdo por segmentos também é muito facilitador, estando em uma sala, que é o que acontece aqui, já que o trabalho em Arte também é repetição. É muito positivo. A disposição que eu tinha de mudar de sala era muito complicado porque, era muito XXX mudar de sala e levar “n” números de materiais, porque eu não trabalho só o material da escola, eu tenho o meu material próprio. O método da sala de aula é bem complicado para nós, professores de Arte do Brasil, isso não é nível de Praia Grande, é de nível de Brasil. Primeiro, por quê?

O entendimento de arte, às vezes até pelos seus pares, ele não é compreendido parece até que você está brincando. E arte não, arte é coisa séria! Arte é inerente do ser humano. Antes de se situar como pessoa, como sociedade o homem dançou, pintou as paredes e o homem cantou. Então assim, as civilizações, todas, estão aí nos

livros de História por causa da arte. Aliás, não existe um livro sem arte! Tudo de onde nós viemos, é arte.

Então tem esse boicote. Você está ensaiando, tipo dança, que aqui a gente tem muito, né? Parece que você não está fazendo nada, parece que você não está... Você não tem... não é prestígio, parece que o seu objetivo não é o mesmo, que é formar um cidadão participativo, crítico e pra isso precisa ser pensante, mas que ele seja pensante ele precisa ter de professores pensantes. Não adianta você vir pra uma escola que esteja a fim de mudar, de fazer essa mudança, de fazer essa grande revolução de ensino, se você ainda ensina no modelo tradicional de 1880 antes de Cristo. Então isso é um complicado, a complicação toda é isso. Os pares enxergarem o seu trabalho primeiro, mesmo porque quando a gestão enxerga e nesta escola eu tenho uma gestão que enxerga, eu tenho uma chefia, eu tenho um assistente técnico pedagógico que me enche de...sabe, me dá respaldo pra continuar eu tenho esse entrave das pessoas entenderem arte como um subproduto e não é, minha opinião, é a disciplina mais importante e aí a gente vê o sistema de avaliação dos professores: “Nossa, ele não sabe desenhar, como você deu 10 pra ele, como foi isso?”.

Porque arte é construção, arte é pensamento. Arte envolve muita coisa além de um desenho. Eu não sou professora de desenho, eu sou professora de arte formada em Artes Visuais, porém eu vou em cada parte da arte, as quatro, e dou as minhas pinceladas. E daí a gente envolve aquela coisa, o tempo. O tempo, uma aula por semana, é insuficiente. A gente vê os grandes resultados, por exemplo, nos EUA onde o artista, ele dança, ele canta e ele atua e ele é formando no Ensino Fundamental e Médio. Aqui no Brasil, não. Pra você se formar artista, você tem que sair de fora, fora do eixo escolar, às vezes com uma indicação de um professor de Arte ou de Língua Portuguesa que vê que o aluno ali tem um bom desenvolvimento na Literatura, que não deixa de ser arte também, que não fica para o professor de Arte também porque seria humanamente impossível a gente ver essa parte também.

Às vezes a indicação leva o aluno a trilhar esse caminho da arte, porque nós temos grandes atores no Brasil, mas não com a formação devida. Então isso é gritante, isso é gritante. O Brasil precisa... o ensino precisa ser modificado e dar a determinada valorização. A gente é melhor que nota! Então assim: qual é avaliação de Arte? É uma avaliação contínua, você não tem um fechamento de uma avaliação de Arte. É claro que você precisa classificar e essa classificação foge um pouquinho porque às vezes você não tem tempo hábil pra fazer essa avaliação, então a coisa

mais difícil é avaliar em Arte. Minha opinião nesse entrave que eu tenho do tempo. E eu não gosto de ser injusta ou desonesta com meus alunos, entendeu? Então eu tento facilitar, ser um agente facilitador do aluno para que ele compreenda que em tudo que ele vê arte, ele está sendo avaliado, e é isso. A gente tem vários entraves.

Como venho de experiências anteriores em salas específicas para práticas artísticas em outros projetos da cidade e passo a ministrar aulas de Arte em salas tradicionais, parece que rompeu alguma coisa em mim. Então assim, eu perdi um pouco a vontade que eu tinha, a determinação de concluir, de trabalhar, porque eu amo o que eu faço. Porém é bem difícil quando você tem entraves... Então vir para esta unidade escolar, e foi através de uma permuta e eu agradeço muito a professora que permutou, me trouxe isso novamente, me resgatou a vontade de dar aula, a vontade de fazer projeto, mesmo com esse entrave, mesmo com essa coisa chamada tempo, mesmo com esse entrave chamado documentação, na minha opinião, inútil de escola. Principalmente em Arte. Principalmente. Não é que o aluno não tem que ter nota, sim ele tem que ter uma nota, ele tem que ter uma classificação, porque né... é isso que vai fazer com ele progrida e avance nos anos, na sequência anual né? E saia daqui, vá fazer outra coisa, tenha escolha, mas porque essa coisa, esses entraves acabam que você não descobre vários talentos que nós temos, vários talentos.

A linguagem também, a linguagem do professor, ela tem que ser modificada. Você sim tem que falar de forma culta, de forma correta e tal, mas você pode amenizar, você tem que trazer o pensamento do aluno de hoje para o seu ensino, para a sua didática. Você tem que ser dinâmico. Você não pode deixar que o seu entrave, eu tenho muitos entraves técnicos, então às vezes, muitas vezes, eu efetivo essa coisa chamada “educação”, porque educação na minha opinião é troca de informações: eu não sei, você me ensina. Você não sabe e eu te ensino, mas nós aprendemos juntos. Essa troca de informação e tecnologia, ela se efetiva dentro de um ambiente onde o aluno se sente mais abraçado, mais acolhido e aí você consegue descobrir talentos, aí você consegue descobrir sentimentos porque arte é cura, cura é arte. Arte tem o poder da cura através de uma música, através da dança, através do canto, através da representação teatral.

Então arte é tudo isso, e por que não essa importância? Por que não as outras escolas não fazerem o mesmo que esta unidade escolar está caminhando pra fazer, para que a gente tenha isso. Para que a gente tenha esses momentos de aconchego com o

aluno, de saber como o aluno pensa, de saber como o aluno age, de saber a relação que ele tem do mundo com a escola. Então isso se torna muito mais fácil quando você faz isso, você propicia nesse ambiente que ele tenha a cara do aluno e o que é importante ao meu ver nas salas ambientes é o trabalho propriamente dito do aluno, a mão na obra, pegar o fazer artístico. Apreciar, conhecer, mas fazer arte. Então assim, várias formas de fazer arte e que seja por meio de qualquer uma das modalidades: dança, canto e tudo mais.

Minha grande frustração ainda é não ter espaço para o teatro. Eu gostaria muito de ter este espaço porque é uma coisa que me interessa, aprendo e que eu ensino também. Então assim, não dá muito tempo da gente fazer aquilo, do aluno projetar a voz, fazer de repente música, um coral... a gente não tem esse tempo. Então é meio mastigado. Esses entraves e a gente se perde na documentação. Sempre estar demonstrado através de diários, através de planilhas, através de formulários o trabalho da gente. Porque o nosso trabalho é visto a olhos nus; se você reparar um professor de Arte, um professor de Geografia, um professor de Língua Portuguesa, principalmente estes que mantêm isso da Sala Ambiente, ele é visto de longe, ele é visto, ele é percebido, ele é sentido não só pelos alunos, como por toda a comunidade escolar.

Outra coisa que eu gostaria de salientar, a partir do momento que o aluno tem o prazer de vir à escola a gente traz os pais, e a gente trazendo os pais a gente consegue mudar a educação brasileira, que ao meu ver é... ainda não tá... ainda tá caminhando, mas desde que eu entrei na escola em 1970 e alguma coisa eu tô vendo esse progresso. Tem um pessoal que pensa educação parece que nunca esteve em uma sala de aula, e as pessoas que veem a arte, as pessoas que fazem as regras da arte parece que nunca fizeram nada de arte.

Então é isso: a Pedro o que é de Pedro, a Paulo o que é de Paulo. Vamos discutir, vamos abrir simpósios, que seja com todas as disciplinas ou então com outras... as disciplinas de Arte, as disciplinas de História, as disciplinas de Ciências e vamos fazer um fechamento. Isso precisa, não é aqui em Praia Grande, não é em São Paulo, é no Brasil, porque o trabalho de Manaus é tão importante quanto o trabalho da região mais rica do Brasil, o trabalho do Pará também é riquíssimo. Então essa coisa do patrimônio artístico cultural brasileiro é imensa e eu falo: não conheço metade, apesar de adorar o folclore, apesar de sabe, pesquisar bastante, não tem tempo. Mesmo quando eu tenho esse tempo, que eu faço muita pesquisa e acho que todo professor que

se preze tem que pesquisar, a gente não pode ficar lá no passado, a gente não tem tempo de jogar esse conhecimento na escola, mesmo que a gente tivesse duas, três aulas. É totalmente impossível.

O Brasil cultural é riquíssimo, o Brasil cultural é... cultura brasileira precisa ter mais orgulho dela própria e precisa que essa formação do artista, que seja mambembe, que seja de rua, que ela seja sabe, mais aplaudida e que quando você entrar no metrô e alguém estiver fazendo uma apresentação, que você pelo menos bata palma, que você fala: você é importante! Você fez eu pensar nessa viagem de metrô que eu estava aqui preocupada, que eu me aliviasse. Isso foi feito na pandemia e parece que as pessoas se esqueceram, que os cantores começaram a fazer *lives*, *lives* e todo mundo deu uma amenizada. Isso é arte! Isso é arte pura! E agora não precisa mais? Por que saímos da pandemia? Então, a pandemia agora é mental! Estamos em uma pandemia mental, porque a cultura precisa ser exercitada, a cultura é... a gente precisa falar: eu tenho orgulho do meu país, eu tenho orgulho de ser professor, eu tenho orgulho de ser aluno, eu tenho orgulho da educação brasileira. Muitas vezes eu não tenho!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos permitiu observar a arte por meio de suas mais variadas manifestações, em consonância com o que podemos denominar “importância”, mas pela subjetividade de quem estabelece contato com ela, preferimos nos remeter às suas inúmeras funções na humanidade, especificamente para o homem em sua pequenez diante da arte.

Todavia nos possibilitou harmonioso agrupamento de múltiplos olhares e contemplações e por meio deles nos atentamos às vozes de artistas atuantes em épocas e contextos diversos, como de apreciadores e teóricos da mesma temática. Para além, tateando paredes e adentrando aos corredores das unidades escolares, mas antes disso vasculhando espaços antes utilizados para fins artísticos, pudemos ainda fazer da escuta importante ferramenta, dando voz aos profissionais da educação, bem como aos teóricos e acadêmicos no que concerne à importância de se alertar ao componente curricular Arte atendendo ao anseio de um significativo número de docentes que a ministra: um espaço para que de fato possa ser praticado.

Ao nos remetermos ao educador Anísio Teixeira, refletimos sobre o objetivo primeiro da educação que é o da renovação. Não se improvisa, como nas artes cênicas, quando tratamos de educar. Teixeira foi considerado extremista e subversivo porque suas ideias eram avançadas já nas décadas de 20 e 30. Acreditava que na escola aprende-se também a viver, o que extrapola os componentes curriculares. Ignorou o tradicionalismo e foi um grande defensor das atividades culturais, oportunizando as bibliotecas e as chamadas linguagens culturais: o teatro, a dança e a música. Criar “ambiência” para as práticas artísticas e preparar o discente para o mundo cotidianamente faziam parte de seus pensamentos filosóficos. Na condução de seus ideais, é importante lembrarmos sua parceria com os artistas Cândido Portinari, Heitor Villa-Lobos e o sociólogo Gilberto Freyre.

Ao de fato esmiuçarmos o documento Base Nacional Curricular Comum (BNCC), bem como suas “Competências Específicas” e “Dimensões do Conhecimento”, não pretendíamos enaltecê-lo ou depreciá-lo. O objetivo específico foi relacioná-lo às práticas artísticas oriundas de uma sala ambiente já estabelecida, com o intuito de comprovar a real necessidade e eficácia desse espaço. E mais que isto, com toda a problemática de carga horária irrisória e um corpo docente adoecido, o objeto da pesquisa correspondeu à “necessidade” do documento.

Ora, ao entendermos a escassez destes mesmos espaços em escolas públicas como fator determinante para aquelas práticas artísticas docentes e discentes tradicionais, o que impossibilitam diálogos construtivos e ativos, permaneçam e perpetuem, a concretização desta nova figuração estabeleceu também uma nova ordem na unidade escolar.

É crível a potência criativa que emana daquele espaço, quase palpável o que reverbera positivamente de forma também interdisciplinar. Para Dewey “sem a emoção, pode haver habilidade artística, mas não arte” (DEWEY, 2010, p. 160). Ademais, os resultados, mesmo os burocráticos, são satisfatórios. Como também a adesão à execução das atividades propostas pela docente, as relações interpessoais, os trabalhos colaborativos e em especial os que priorizam as amostragens, exposições e grandes eventos. No mais, percebeu-se que desde o projeto, passando pela execução até o resultado que não é final, já que constantemente o espaço sofre mutações, foram a troca e a reciprocidade estabelecidas entre cada um dos componentes que constroem a unidade escolar, seja pelo aporte financeiro oriundo da gestão, seja pelo conhecimento compartilhado, e tratamos aqui de uma maneira não convencional, ou pela disponibilidade e interesse em recebê-lo, as duas grandes forças impulsionadoras para a então concretização da Sala Ambiente de Arte. Finalmente ouçamos Deleuze e Guattari: “Composição, composição, eis a única definição da arte!” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 247)

A Sala Ambiente de Arte, neste mesmo ano, foi semifinalista na 24ª edição do “Prêmio Arte na Escola Cidadã”, que reconhece e divulga projetos educativos de qualidade no ensino da arte em todo o Brasil.

Figura 42



REFERÊNCIAS:

ALBANO, S. **Produção de conhecimento científico na pesquisa de artes.** Em Pauta, Porto Alegre, v. 12, n. 18/19, 58, abril a novembro 2001.

ALBANO, S., & BRAZ, A. L. (2021). **Os benefícios do ensino musical na formação e desenvolvimento humano.** *Revista Da Tulha*, 7(1), 176-190. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7117.rt.2021.189067>

ALL is true. Direção: Kenneth Branagh. Roteiro: Ben Elton. Produção: James Merifield. Intérpretes: Kenneth Branagh, Judi Dench, Ian McKellen et al. 2018. (1:41 min) son., color.

ARAÚJO, I. **‘O Poderoso Chefão’ é o monumento de Coppola’.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 fev. 2022. Ilustrada, C. 5.

Arte como experiência / John Dewey; [organização Jo Ann Boydston, editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes)

BAPTISTA, A. M. H. **Arte & Educação: o diálogo essencial / Arte e Educação: Por uma estética do existencial.** Montenegro: Editora da FUNDARTE, 2016.

_____. **O Poeta do Diálogo.** São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022.

BARBIER, R. **A Pesquisa – Ação.** Campinas. Autores Associados; 1ª ed., 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CONTI, M. **Cristo dá um tchau a todos.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 fev. 2023. Ilustrada, C. 7.

CORDEIRO, D. S. **Arte da aula.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

COUTINHO, J. P. **Little Couto vai ao cinema.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 fev. 2023. Ilustrada, C. 7.

DELEUZE, G. **Conversações.** São Paulo: 34, 1992.

_____. **Crítica e clínica.** São Paulo: 34, 1996.

_____. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DUEK, P. S. **Quem quer fazer arte? Pelos playgrounds das salas de aula**. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/2379> Acesso em 10 jul. 2023

È stata la mano di Dio. Direção e Roteiro: Paolo Sorrentino. Intérpretes: Filippo Scotti, Toni Servillo, Teresa Saponangelo et al. 2021. (2:10 min) son., color.

FERRASOLI, D. **Artes e esportes precisam ser mais valorizados no currículo das escolas. Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2021. Semináriosfolha: vida cultural na pandemia e no pós-pandemia – 2ª edição.

FERREIRA, A. B. De H. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1957.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

_____. **Arte, literatura e os artistas/Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FUSARO, M. **Educação em Pesquisas: Novas tecnologias e linguagens**. São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

GAINZA, M. **O nervo óptico**. São Paulo: todavia, 2014.

GOMBRICH, E. R. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

GUATTARI, F. **Um novo paradigma estético**. São Paulo: 34, 2012.

Importância das Artes nos Currículos da Educação Básica. Daniel Puig. Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/cursos/ciclo-de-minicursos-2020> Acesso em 15 out. 2020.

Informe 2022/23 da Anistia Internacional destaca avanços e retrocessos no mundo sobre Direitos Humanos. 2023. Disponível em: <https://homologacao.anistia.org.br/informe/informe-2022-23-da-anistia-internacional-destaca-avancos-e-retrocessos-no-mundo-sobre-direitos-humanos/> Acesso em 11 dez. 2023

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARTINEZ, F. **Mostra celebra o silêncio e a luz poderosa de Johannes**

Vermeer. Folha de S. Paulo, São Paulo, 14 fev. 2023. Ilustrada, C. 5.

MIRANDA, D. S. de. **Carta de princípios culturais**. São Paulo, 01 de set. 2021. Disponível em: <<https://prod-circuito-statico.sescdigital.cloud/wp-content/uploads/2021/09/02165355/Carta-de-Principios-Culturais.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2022.

MONTERASTELLI, A. **O Homem de Pedra e Papel. Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 out. 2023. Ilustrada.

NEGRI, A. **Deleuze e Guattari: uma Filosofia Para o Século XXI**. São Paulo: Politeia, 2019.

NETTO, J. T. C. **Com crise climática e Guerra da Ucrânia, salvar o planeta deve ser prioridade da cultura. Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jun. 2022. Ilustríssima, C. 5.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Lafonte, 2020.

PERASSOLO, J. **‘Viagem pelo Fantástico’, livro de fotos inovador de Boris Kossoy, é reeditado. Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 jan. 2022. Ilustrada, C. 4.

PIGNATARI, D. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

QUEMIN, A. **O Valor da obra de arte**. São Paulo: Metalivros, 2014.

ROCHA, J. A. DE LIMA **Anísio Teixeira e a Cultura. Subsídios Para o Conhecimento da Atuação de Anísio Teixeira no Campo da Cultura**. Salvador, Brasília: EDUFBA | Editora UnB, 2014.

ROLT, C. Da. **Terra de Exílio**. Jaguarão: do Autor, 2022

SCHJELDAHL, P. **Hot, Cold, Heavy, Light, 100 Art Writings 1988-2018**. New York: Abrams Press, 2019.

SHAW, A. da CNN **Artista Damien Hirst queimará obras de arte suas durante nova exposição**. São Paulo, 27 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/artista-damien-hirst-queimara-obras-de-arte-suas-durante-nova-exposicao/>. Acesso em 13 ago. 2022

SOUZA, M. J. P. **Dificuldades para o ensino de artes: o que dizem os professores**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36475>>. Acesso em: 20 mar 2023.

THE White Crow. Direção: Ralph Fiennes. Roteiro: David Hare. Produção: Carolyn Marks Blackwood. Intérpretes: Oleg Ivenko, Adèle Exarchopoulos, Chulpan Khamatova, Ralph Fiennes et al. 2018. (127 min) son., color.

VIRGINIA. Direção: Amir Haddad. Roteiro e Interpretação: Cláudia Abreu. Produção: James Merifield. SESC 24 de Maio. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/virginia-em-mim-depoimento-da-atriz-e-roteirista-claudia-abreu/> Acesso em 10 out. 2022

UNESCO. **Educação artística para a resiliência e a criatividade.** 2020. Disponível em: https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf Acesso em 14 mar. 2023

ZEITEL, G. **O real da história. Folha de S. Paulo,** São Paulo, 29 jul. 2022. Ilustrada, C. 1.

ANEXOS

Jean, o professor que levava Artaud na *t-shirt* branca

Pina Bausch, a professora performática

Botera, a professora que vê Arte no bolor de uma parede

Formativa e às vezes decorativa, infelizmente. Ela tem função de auxiliar outras matérias. Ela é muita mais usada de forma interdisciplinar, porque todo mundo usa para fazer algo. Assim, falta-se tempo para a história da Arte, por exemplo. **Como eu gosto de aula prática, sofro muito com isso. Arte é experimentação também. Falamos muito de pesquisa. Por exemplo, uma aula de pintura, com tinta. Os alunos aprendem experimentando, não só visualizando, a gente não tem esse tempo hábil pra isso.** Você pode fazer Arte observando o céu, falando sobre as nuvens, observando um bolor em uma parede, onde eu olho eu vejo Arte e é isso que me salva. **Professora Botera**

De fato, é pouco tempo, mas acho que mais que um tempo necessário é como se aproveita e se passa esse tempo né? Acho que tem problemas até mais sérios que a questão do tempo. Um deles é a falta de interesse, a falta geral. Isso já faz com que o aluno chegue à aula de Arte de uma maneira diferente, como ele está em outras. Eu acho que o principal de se fazer é tentar de alguma forma surpreender sempre, buscar, despertar pela surpresa, despertar o interesse nos alunos, mas é difícil porque isso exige. Confesso que eu me debato com essa dificuldade, isso exige muita dedicação, muita energia mesmo pra você sempre estar ali pra conseguir aproveitar mesmo esses cinquenta minutos aí. **Talvez sim, deveria ter pelo menos duas horas, duas aulas, e mais que o tempo uma questão de espaço também. O espaço pesa mais até que o tempo. O espaço da sala. Isso ajudaria muito a aproveitar o tempo também.** Professor Jean

É muito triste, porque Arte é disciplina na escola e aí a gente pensa até na questão da estrutura física, do espaço. A cidade teve uma oportunidade incrível, mas construiu as escolas erradas. Você não tem uma área verde, você não tem uma sala de teatro, espaço para o aluno circular, né? Eu estou em uma escola que eu tenho sorte de ter um auditório. Eu uso, passo jogos teatrais da Viola Spolin, então eu acabo fazendo umas dinâmicas, mas é um curto período mesmo, mas até a questão de espaço, por exemplo, você quer trabalhar dança como você vai fazer? Vai tirar as cadeiras e mesas da sala pra poder dançar. “ah, mas você pode dançar no corredor!”, mas está tendo aula, você vai atrapalhar os colegas. Então você está sempre preso, então acho que essa fala dela, eu acho que bate bastante na questão do espaço físico. É uma realidade o espaço físico, a estrutura física das escolas. É uma realidade talvez do Brasil. São pouquíssimas escolas que tem um espaço bom, mas eu digo que a cidade teve a oportunidade de construir né? E você tem escolas aqui que são... Parecem cárceres, parecem prisões, elas são muito fechadas, você não tem um espaço aberto, um espaço de circulação, você não tem um espaço pra dizer assim: olha eu vou dar dança. Posso usar a quadra? Não tá funcionando educação física no contra turno, e isso faz com que você fique preso na sala de aula realmente. Trabalhei em uma escola aqui que tinha as salas ambientes, então eu já não me deslocava tanto, aluno que se deslocava. Melhorava um pouco, porque assim, de todo o modo ela tinha as mesas e as cadeiras e não dava pra mexer muito, mas eu conseguia pelo menos reorganizar o espaço, conseguia expor algumas coisas, porque Arte também é muito visual, então você tem que ter essas provocações, elas são visuais, você pode colocar uma pintura, a reprodução de uma pintura na parede com a frase de algum artista pra fazer a criança reagir a aquilo. E aí esse espaço, nessa escola eu tive a sorte de trabalhar nessa escola também e tive a sorte de ter essa experiência, de ter uma sala ambiente e poder reorganizar. Agora eu estou tendo a experiência de ter uma sala com auditório, já melhora bastante, mas eu falo, puxa isso podia ser planejado quando as escolas foram construídas, de ter até uma área verde mesmo né? É tudo ladrilhado, encerado, polido e aí você... Dá até medo né? **Professora Pina Bausch**